

JOSÉ CASSIANO DA SILVA - MURIÇOCA

A conversa simples de um sertanejo que não perdeu a autenticidade



simulada, logo a esperteza, a perspicácia nos foram confessadas. Impossível enganá-lo. “Mais esperto do que eu é o senhor que me criou”.* Ágil, não se deixa dominar. Coragem não lhe falta. A carência das letras não se tornou motivo para qualquer hesitação. Dribla facilmente as eventualidades. “(...) com esses grandes administradores eu me entendo que é uma beleza (...) porque eu sou tão sem-vergonha...”* Sertanejo é assim.

Sofreu como poucos. O corpo franzino, magérrimo, sobrevivente, é consequência direta. A memória é certa: fome, preconceito de cor, de classe, de escolaridade. O rosto pacato esconde a cara braba do lutador, do guerreiro, do herói. Determinado, não se lamenta por nada. Orgulha-se de tudo quanto conseguiu conquistar, e de tudo o que precisou deixar para trás. “É difícil quer dizer sem jeito? Sem jeito! Sem jeito por quê? Vocês são uns pamonhas, qualquer coisinha estão arriando. Não vê que tiveram tudo na terra? Se tivessem tido que agüentar o meu

rojão, passando fome e comendo macambira na seca, garanto que tinham mais coragem”*

O seu apostolado é comprovado através de sugestões: a fé simples na misericórdia e a vida descomplicada. “Lembrete de Nosso Senhor Jesus Cristo. Jesus vai contigo e tu vais com Jesus”* Sua obra tem uma indicação humana, comum, com suas fraquezas e suas misérias, mas também carrega seus motivos de alívio e esperança. Expõe, direto, o que é o medo da fome, o rigor do sofrimento. Não há nenhum vestígio de moralismo, há, pois, um sentido de perseverança. Humilde em demasia, acaba se desdenhando. “(...) Pobre tem lá sabedoria, só tem desgraça. Qual, quem sou eu, um pobre (...) que não vale nada...”* Injustiça cega.

Mesmo que o ambiente e as condições de vida não sejam os mais favoráveis, o apeço pelos amigos é aspecto primordial. Gagueja, emocionado, os nomes dos mais chegados. É quando a sensibilidade não se deixa dominar pela aspereza do sertão. “(...) se o ponto fraco das pessoas fosse somente a besteira, ninguém estaria livre de mim. (...) Só não boto você no bolso porque sou seu amigo”* Brinca com uma facilidade admirável. O bom humor não é, em instante algum, interferido pelas desgraças fatais, inevitáveis. “E o que é que tem isso? Você pensa que eu tenho medo? Só assim é que posso me divertir. Sou louco por uma embrulhada!”*

É, assim, o louvável mérito do autor e a qualidade evidente de sua obra, que instigam um depoimento livre, autêntico e, antes de tudo, simples. Homem sincero, de uma espontaneidade sem similares. “Eu estou me sentindo muito bem. Sinto-me como se minha alma quisesse cantar!”* Instante singular de uma história meio literária, fantástica, inédita, inesquecível... “Que aperseio é esse? A desgraça agora foi que começou!”*

* João Grilo em “O Auto da Compadecida” (Ariano Suassuna)

Muriçoca e o Teatro José de Alencar: mais do que profissional, uma relação na qual se sobressaem amor, prazer e dedicação em 35 anos carregados de histórias simples, mas significativas.

Seu Muriçoca, apelido pelo qual José Cassiano da Silva prefere ser chamado, é tipo autêntico brasileiro. Figura lendária, popular, nordestina mesmo. A verdade é que foi justamente sua maneira sem luxo, singela demais a motivação do entusiasmo despontado. Durante todo o “espetáculo”, teve o proveito de transparecer sua índole simples, espontânea, despojada. Correspondia com exatidão ao espírito sertanejo, honrado. “Palavra é palavra. (...) é melhor cumprir a promessa: com desgraça a gente está acostumado e assim pelo menos não se fica com aquela cara”.*

A representação quase circense era perfeita. O tom caricatural extremo, forte. Confundi-lo com a personagem “João Grilo” não seria, jamais, um equívoco. As semelhanças estão declaradas (a coincidência dos apelidos de insetos não é à toa). Entretanto, Seu Muriçoca é personagem de si mesmo. Apresentava ali seu próprio Auto. Uma Farsa muito bem marcada, enquadrada em seu estilo peculiar: falava quando melhor lhe convinha. “Cala a boca, besta. Não diga uma palavra e deixe tudo por minha conta (...)”.*

Argumentos excessivamente primários. Um modo indireto, descritivo de comentar as situações, quase sempre aumentando seus valores. Aumentativo não é ofensa. “O senhor me desculpe, mas a língua fica balançando na boca que chega a me dar uma agonia”.* A linguagem, dotada de expressões rudes, pitorescas, misturava-se com os diálogos dramáticos, vivos. Os recursos de interpretação, em todo tempo, singelos: gestos, onomatopéias e simulações. Seu Muriçoca denunciava com satisfação apologética o que aprendera durante toda a vida.

“O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo”.* Seria absurdo tentar caracterizá-lo por sua ingenuidade. Por ser

Entrevista com José Cassiano da Silva (Muriçoca) dia 24/11/99.

Produção, redação, edição e texto final:

Alexandre Vale, Caroline Nogueira, Eulália Camurça e Neda de Figueirêdo

Texto de abertura: Caroline Nogueira.

Participação:

Alexandre Vale, Cáritas Rolim, Caroline Nogueira, Eulália Camurça, Luís Celestino, Marta Araújo, Neda de Figueirêdo e Régia Honório.

Foto: Alexandre Vale.

Muriçoca - Tô sendo alguma coisa, né? Quando partir pro outro lado, já tem o que contar por lá, se tiver permissão. Se não tiver, né? Tá tranquilo...

Neda - *Seu Muriçoca, o senhor desde pequeno ajudava seu pai na roça, plantava, tudinho. O que o senhor fazia para ajudar?*

Muriçoca - Ah, você agora partiu para o campo, né? Bom, eu pequeno logo, em 1919, eu ajudava meu pai, fazia qualquer coisa de criança mesmo, lá nos matos (*trabalho de roça*). Mas, ainda hoje, eu me lembro de uma pisa que meu pai me deu, em 1919. Eu tinha cinco anos. Ele mandou eu pastorear o arroz, vocês não sabem o que é pastorear... Palavra matuta, é a gente ficar sentindo (*observando*) os passarinhos pra não comer o arroz, né? Eles, naquele tempo, iam plantar no seco e a gente ia ficar sentindo os passarinhos pra não comer o arroz. Então, ao mesmo tempo, ele mandou que eu fosse tirar um feixo de capim, num lugar denominado Pinga, que é o nome de um riacho, córrego, como chamam. Que plantava aqueles capim. Mandou tirar um feixe de capim para um animal.

Isso, a gente morava no pé da serra no município (*ele quer dizer distrito*) do Riacho Seco, num lugar denominado Sítio dos Currais. Então, eu fui tirar o feixe de capim. Quando eu terminei, já era umas quatro hora pra cinco horas, quando eu cheguei com o capim perto da roça. Quando levantou foi aquela nuvem de passarim danado. Pronto. Quando eu olhei, só tinha aquela casca de arroz e em cima, da terra. Eles ciscaram, aí eu cobri aquela casca todinha, né? Pensando eu que nascia. Já pensou um

negócio desses? Deu seis horas e eu fui embora.

Passaram os tempos, veio a chuva. Quando a chuva chegou, o arroz nasceu, né? Meu pai foi olhar como era que tava o arroz e tal. Na parte que o passarinho comeu, não nasceu um pé. Ele olhou pra mim e não disse nada. Chegou em casa, foi só dizendo assim: "José, venha cá!". "Senhor, papai!" (*imitando uma voz pueril*). Pegou assim, eles tinham, naquele tempo, eles usavam um chicote, de oito pernas, de couro cru. Tinha uma parte assim grosso, daqui tinha esse nó, com quatro

“Meu pai foi olhar como tava o arroz. Na parte que os passarinho comeu, não nasceu um pé. Então, foi uma pisa... E eu pulando (...), parecia um macaco”

pernas, quatro mais curtas, quatro mais cumpridas, né? Então, rapaz, foi uma pisa. Me agarrou assim (*imitando os gestos do pai*). Uma pisa danada e eu pulando nu de cintura pra cima, parecia um macaco. Nunca fui gordo. Pulando e tal e minha mãe, saindo lá de dentro, disse: "O que é isso Cassiano? Vai matar o menino?" Ele disse: "Esse cabrito sem vergonha deixou os passarim comer os arroz". Se embolaram assim, os dois, eram novos, viu? Se embolaram os dois assim. E tanto apanhava José, como Raimunda, que era minha mãe, e aquele bolo danado. Sei que terminaram, apartaram ali e eu fiquei me acabando. Ela foi me dar um banho de água de sal nas costas. Tava tudo

encalombado.

Bom, passaram os tempos, eu comecei a trabalhar. Já vinha trabalhando e tal e tudo. Eu fui trabalhando, tirando lenha, pastorando animal também, porque os animais naquela época lá, a gente amarrava e não tinha cabresto não. Soltava não porque era cana, canavial, essas coisas. E assim foi por diante. Trabalhava na roça, limpando mandioca. Fui crescendo, fui crescendo, comecei a bater tijolo, cavar o barro, fazer o tijolo. Encaerir também, queimar o tijolo. Todo esse serviço pesado eu fiz, viu?

Quando foi 1926, meu pai desgostou-se lá com o patrão. Tinha muita cana, muita coisa, a gente tinha uma porção de coisas lá. Mas o pobre, quando acontece alguma coisa, pensa que é alguma coisa no mundo. Ele discutiu lá com o patrão porque meu pai plantava muita cana, e tinha feito a muagem da cana lá. Aí foi pedir a água pra molhar a cana porque tava morrendo. Seu Antônio Teles, que era cumpadre dele disse: "Cumpadre Cassiano, não tem água não. Você já tem muita água aí. Tem muita cana e tal". "Ah, mas cumpadre Toim, você vai deixar minha caninha morrer?" (*imitando o pai*) "É, os outros moradores e tal". E o velho se desgostou e disse: "Pois cumpadre Toim, de hoje em diante eu não sou mais seu morador. Procure quem comprar minha cana, minha mandioca, minha mandioquinha". Naquele tempo chamava-se mandioquinha. O matuto tem essas coisas, né? Então ele disse assim (*Seu Antônio*): "Eu não posso comprar não, venda ao seu Francisco" - que era um morador novo que ele tinha botado fazia pouco tempo,



Onomatopéias foram presentes em toda a entrevista. Os "plé, plé, plé" da marcha; o "preco, preco" do assoalho e o "vap" da casa caíndo.

Quando oferecemos água para Seu Muriçoca, foi logo dizendo que não queria. Disse que era como um camelo: costuma passar o dia sem beber água.



Seu Muriçoca mora com a esposa, o filho, a nora, duas netas, dois cachorros e um papagaio.

morava acima da gente depois da casa da gente num sítio a uns 50 metros mais ou menos, era tudo pertinho. Papai foi e disse: “E Pedro Francisco tem dinheiro para comprar minha mandioquinha, minha cana, minhas coisas?” Ele disse: “É, ofereça a ele.” “Já sei! É senhor que vai dar o dinheiro pra comprar. Eu sei que ele não tem nada, chegou faz pouco tempo.” Finalmente o véi danou-se, chegou em casa, disse pra minha mãe que a gente ia embora. Fomos tratar de fazer farinha de mandioca. Aquelas coisas, né?

Uma parte ele vendeu. Quebramos o milho, tinha rapadura, tendal, chamava tendal (*lugar onde estão as formas de rapadura em engenhos de açúcar*). O véi andou vendendo uma parte. A gente já tinha uma casinha no Crato, viu? Na rua do Bispo. Pois bem, a gente tinha uma casinha lá e começamos a carregar as coisinhas pra lá. Mudamos para o Crato. Foi quando já tavam construindo a Estação (*ferroviária*) de Crato. Fui botar água, (*com*) os jumentos, etc. Vendi água a duas cargas por 500 réis lá no Poço da Fé. Tinha um rio ali que ainda tem a barreira. Vendia água. Até que construíram a estação e tal. O trem chegou. Houve a inauguração do trem. E foi aquela animação danada! Em 1926, mas não me lembro o dia nem o mês.

Eulalia - *Seu Muriçoca, voltando só um pouquinho, o senhor quando era criança, quais eram as brincadeiras do senhor na roça?*

Muriçoca - Vixe Maria, sabe o que era? Nossas brincadeiras... Interessante, hoje, a coisa é diferente como o diabo. Naquela época, tinha aqueles ossos (*de animais*

abatidos). Aquelas ossadas e tal. Tinha aqueles corredor (*ele se refere aos ossos cheios de gordura; quando cozinhada, mais popularmente conhecida como tutano*). E cozinhava e batia aqueles corredor. Corria aquela gordura, como a gente chama. E aquilo ali a gente soltava pros cachorros, os ossos ficavam. Aquelos ossos mais grossos, mais grandes era boi, era vaca. Era aqueles ossinhos pequenos, panelada, aquelas juntas dos bizerrim, aquelas coisas, né? Então, tinha um Jatobá (*árvore característica da Amazônia e parte do nordeste, cujo fruto do mesmo*

“Comecei a fazer trabalho de artesanato. Fazia aqueles garrote de barro, aqueles bonequinho. Os ricos (...) tinham umas calungazinha de louça”

nome é uma grossa e longa vagem), também desses que o pessoal vende no mercado. Não desses, de outro. Porque aquele ali que eles vendem no Mercado pro pessoal comer chamam Jatobá de Viado, que é daquele jatobá brabo, que a gente não comia, e eles vendiam no mercado pro pessoal comer, num sabe?

Então, era um garrote e tal, a gente fazia. Pegava aquelas mucunã (*denominação comum a várias plantas leguminosas*), que tem assim, botava as pregas, os cangotes. E eu fazia barro. Comecei a fazer trabalho de artesanato. Fazia aquele garrote de barro, aquelas coisas, vaqueiro, aquelas coisas, né? (*refere-se a um tipo de artesanato feito*

com base no imaginário popular, muito comum na região do Cariri, sul do Ceará) As coisas foram melhorando. As meninas agarravam aqueles sabuguinhos, faziam aqueles bonequinhos, aquelas coisas amarravam. O sabugo, viu? Era a boneca das meninas, porque elas não tinham condições de comprar boneca na rua. Os ricos compravam. Tinham umas calungazinhas de louça. Isso, quem comprava eram os ricos. Pobre não chegava nem perto. Eu pelo menos, mais minhas irmãs, não chegava nem perto.

Eulalia - *O senhor estudou quando era criança?*

Muriçoca - Ah, minha irmã, a minha escola foi em 1922, quando estive lá nos canaviais. O professor chamava-se Pedro Moreira. Chamava-se picinês, aqueles óculos pequenos que botavam na ponta da venta do professor. E foi quando eu tive numa escola. Não passei nem seis meses de escola. Ele cobrava 800 réis naquele tempo, dois cruzados que era moeda. E eu pagava 1200, 1600 quando faziam três. Eu não pude mais continuar pagando. Isso foi lá no interior, lá no sítio ainda, viu? Depois foi que nós viemos morar na rua. Passou uma temporada. Quando foi em 27, de 27 pra 28, nós fomos embora, viemos embora pra Boa Viagem (*município do sertão cearense, a 217 quilômetros de Fortaleza*).

Alexandre - *Mas Seu Muriçoca o senhor quando esteve na escola, aprendeu a ler e a escrever?*

Muriçoca - Não. Eu comecei na carta do ABC lá. Depois daquilo ali, eu fui vendo os outros estudar e coisa, e aqueles meninos lendo aquele escritor Felisberto de Carvalho. Parece que era, tinha

A casa de Seu Muriçoca fica perto da estação central, do cemitério, da cadeia, da Santa Casa, da Igreja, do Mercado Central e da Praça do Ferreira.

uns manuscritos etc. Mas eu sempre tinha vontade de olhar aquilo ali, num sabe? E não pude ir à escola. Fiquei aprendendo assim, né? Depois de Boa Viagem, depois de 1929, que vimos embora, pegamos o trem, descemos em Quixeramobim (fica no sertão central do Estado, a 201 quilômetros da capital), fomos pra Boa Viagem. Fomos morar distante de Boa Viagem doze léguas. Numa fazenda com o nome Neorque. Quando passou uma temporada lá e o dono da fazenda, que era seu Sílvia Fernandes Pequeno, disse: "Olha Cassiano, você agora vai voltar para Cachoeira. E lá tinha uma fazenda, e não tinha ninguém. Lá tem um gado e eu preciso e aqui já tem muita gente e você vai pra lá."

Meu pai ficou desgostoso. Quando chegou lá comprou muita criação, porco, carneiro, cabra, essas coisas, galinha, pra gente criar, aquele negócio. Deu um trabalho danado pra gente acostumar aqueles animais de uma fazenda pra outra. Isso os bicho vê piava e morria por aí, enganchava, o diabo! Outros as onças comiam. Então ele disse: "Mas depois de tanto prejuízo, seu Sílvia. Eu já estou aqui, situado aqui, meus bichim já tudo, já acostumado e tal. "É mas eu preciso de você lá." Então, nós fomos pro Cachoeira, do Cachoeira, nós fomos pra uma fazenda, e quando chegava a tarde, eu vinha pra rua. Ela (a mãe) me pedia pra trazer o leite. De madrugada a gente tirava o leite das vacas, e tinha os bules, que os bules eram aquelas latas de querosene, que antigamente o querosene vendia em lata.

Ele formou aquele bule, e a gente tirava o leite, e eu trazia aquela lata cheia de leite.

Andava léguas e meia de alto a baixo com aquela lata.

Alexandre - *E Seu Muriçoca, o senhor falou que, quando levou aquela surra, tomou banho de água de sal. Como era naquela época, e com a dificuldade que o senhor fala, com a infra-estrutura de lá, quando alguém adoecia? Ou quando alguém se machucava o que fazia?*

Muriçoca - Olha, não meu filho não tinha não. Naquela época, tinha a farmácia, que a gente chamava de butica lá, na cidade.

Alexandre - *Na cidade, mas no interior?*

“Se levava uma pancada, se levava uma queda, o sujeito pegava um pinto, botava no pilão, pilava e dava pra ele engolir com tudo. O remédio era esse”

Muriçoca - No interior não tinha nada não, meu filho. A gente usava mastruz, pisava mastruz. Se levava uma pancada, levava uma queda, o sujeito pegava um pito (pequena quantidade), botava no pilão, pilava e dava para ele engolir com tudo. O remédio era esse.

Marta - *Seu Muriçoca, quando o senhor era criança, como o senhor lidava com a expectativa, a ansiedade de chegar o inverno forte, ou a seca?*

Muriçoca - Sabe, eu não imaginava nada não. A gente, nos matos, naquela época, naquele tempo a gente cracom o índio. Tudo índio, assim. Quando eu vejo esses índios mostrando aquele negócio (referindo-se à nudez),

eu me lembro de mim. Não era daquele tipo, porque a gente era civilizado. Mas, nós somos índios. Agora, hoje, é uma coisa diferente, a gente tá tudo, como se diz, educado, tudo domesticado. Mas, naquele tempo, tudo era ignorante, ninguém sabia de nada.

Marta - *Mas o senhor não via a família do senhor falando: “Ah, o próximo inverno vai ser forte?”. Como era que vocês se preparavam?*

Muriçoca - Olha, como ainda hoje, eu ainda tenho uma certa experiência, viu? Quando a gente via aquelas formigas, carregando aquelas comidazinhas, né? A gente dizia: "O inverno vai ser bom". Quando a gente não via as formigas carregando: "Vixe Maria, não dá certo!" Parece que o inverno trando vai ser ruim. Então, eram as experiências. Às vezes, vinham aqueles pau d'água que tinha que começava a piorar e vinha logo a seca. Na Serra do Araripe (parte da Chapada do Araripe, traço marcante na região do Cariri, numa extensão de 220 quilômetros de leste a oeste, toda a chapada), quando a gente ia pra cima da serra do Araripe, a gente tinha um pé de pau, com o nome de bisquê ou craíba, que começava a chorar. A gente dizia: "O inverno vai ser bom". E era mesmo, num sabe?

Caroline - *Seu Muriçoca, o senhor, naquele período da infância, passou por algum período de seca muito forte?*

Muriçoca - A seca em 19. Foi quando eu levei a pisa, que eu fui pasturar o arroz e os passarinhos comeram, lembra? Dezenove foi seco, não é? Veio, passou 20, 21, 22, 24, veio o inverno bom. Grandes cheias, e em 1924 houve grandes arrombamentos de açude, de lá pra cá. Lá em Crato mesmo,



O papagaio da casa do Seu Muriçoca normalmente só fala palavrão. Entretanto, durante a pré-entrevista ele ficou encabulado, não xingou ninguém.

Seu Muriçoca tinha medo de muita chuva na serra do Araripe, porque diziam que, se chovesse muito, a pedra Gema ia cair e o mundo ia se acabar.



O governador Tasso Jereissati, em 1995, homenageou Seu Muriçoca com uma placa, que se encontra nos jardins do Theatro, por seus 35 anos de serviço.

não. Que não tinha açude, não é? De lá pra cá, Ingazeira (*distrito do município de Aurora*), Cedro, Iguatu, Senador Pompeu (*municípios da região Vale do Jaguaribe / Centro-sul do Ceará*). Arrombaram muito açude naquela época.

Caroline - *Seu muriçoca, o senhor falou que em 26 o senhor ajudou a construir a primeira ferrovia do Crato, não é?*

Muriçoca - A estação.

Caroline - *A estação, carregando água. O senhor fazia mais alguma coisa?*

Muriçoca - Eu vivia mais botando água. Tinha aquela ocupação de botar água todo dia, não é? Depois terminaram a estação. Foi inaugurado o trilho, e ficamos indo pra rua, pra serra, buscar pequi (*tipo de fruto oleaginoso, muito comum na culinária da região*).

Marta - *Quando o senhor era criança, o senhor fazia alguma coisa que se aproximava, que se aproxima hoje do teatro?*

Muriçoca - É justamente aquilo: os artesanatos que eu fazia, não é? Tinham os balançadores que a gente brincava. Fazia aqueles balançadores de cipó, de corda. Fazia aqueles trapézios (*como os usados em circo*). Andei brincando de palhaço, fazia as pernas igual àqueles palhaços (*de pernas de pau*), que ia pra feira, para o Crato. E depois, eu cansei de fazer aquilo. Sacrifício danado fazer aquelas pernas de pau. Cortava aquelas madeiras assim (*imitando o corte vertical*). Ia tirar com o facão. Andei muito de perna de pau, viu? Nessa época eu andei pensando que a gente tinha vontade de ser palhaço, viu? Porque a gente fazia aquelas pernas de pau e saía

brincando. Mas nunca tive condições de ir. Às vezes, que eu descia para o Crato, eles pagavam (*o pessoal da feira da cidade*) a gente, dava dois cruzados, e a gente gritava palhaço. Narua, a gente gritava palhaço. E palhaço ele melava a gente, a roupa da gente tudo de tinta. E eu achava bonito como um diabo! Pintava todo, e eu saía gritando palhaço.

Mas meu pai não queria, meu pai era fora dessas coisas. Meio estranho. Então, eu sempre gritava palhaço, quando ele não estava em casa. Quando foi um dia, chegou um circo em Crato, e ele tinha saído para ganhar dinheiro, e

“Fazia as pernas de
pau igual a do palhaço
(...) A gente tinha
vontade de ser
palhaço, viu? Por que
a gente fazia aquelas
perna de pau e saía
brincando”

chamava ganhar dinheiro de “marcastroça” (*apanhar*) algodão e quebrar milho, essas coisas, fora da cidade de Crato, viu? Missão Velha, Aurora. Brejo Santo, Mauriti (*municípios do Cariri, todos próximos*), naquela zona acolá. Um dia, eu tava gritando palhaço, quando ele chegou. Ele chegou e perguntou, minha mãe chamava-se Raimunda, mas ele chamava de filhinha: “Filhinha, cadê José?” Ela ficou dançando na corda por ali (*no sentindo de despistando*), sem querer dizer onde era que eu estava, né? Disse: “Tá na rua. Ele foi gritar palhaço. O caba dava dois cruzados a ele”. “Eu não disse que eu não quero José gritando esse diabo de palhaço

que isso não é vida de homem!”. Ele escolhambava. Quando eu cheguei, eu não sabia. O velho me deu uma pisa danada! Outra pisa. Nesse dia eu nem ganhei os dois cruzados nem fui assistir o espetáculo que a gente ganhava os 800 réis e assistia o espetáculo, né? E ficava ali naquela folia do circo e tal. Mas ele não queria. Eu sempre quis esse negócio.

Alexandre - *Mas o senhor quando brincava de palhaço, dessas coisas, de perna de pau, já se imaginava algum dia poder trabalhar com teatro?*

Muriçoca - Nunca na minha vida. Nunca tive nem intenção, meu filho. Não pensava de jeito nenhum.

Alexandre - *O senhor tinha alguma concepção do que era o teatro?*

Muriçoca - Não, nada. Coisa nenhuma. Gente ignorante não sabia ler nada, coisa nenhuma. Eu via aquilo mas... Então, mesmo quando eu cheguei aqui já depois de velho, que eu tomei conhecimento mais ou menos de teatro, foi em 1932, a primeira vez. E é porque eu já assistia cinema, em Crato, viu? Quando eu cheguei aqui, que eu vim saber o que era a casa de teatro. Eu vim pro José de Alencar pela primeira vez em 1932, naquela época da Revolução de São Paulo.

Cáritas - *Essa época estava havendo a Revolução Constitucional de São Paulo, né?*

Muriçoca - É.

Cáritas - *E o que o senhor esperava se alistando no Exército? Quais eram as expectativas do senhor?*

Muriçoca - A expectativa é porque nós, quando chegamos lá, em Crato, chegou um pessoal, um rapaz daqui, que era de Crato, que era cabo

Durante muito tempo, Seu Muriçoca usou uma boina, que acabou furando. Foi muito difícil para seu filho encontrar uma parecida, mas não tão boa.

do Exército. Recebeu autorização pra ir alistar o pessoal, os rapazes em Crato, não é? Então quando ele chegou lá, a gente já conhecia ele e tal. Me animei pra vir pra revolução. Eu e muitos. Mas antes, em 1930, naquela Revolução da Paraíba que mataram João Pessoa, lá para o Crato foi uma companhia, não sabe?

Então a gente, eu cheguei pra ele e pro pessoal e aí eles camparam depois na estação e eu fiquei entrosado neles ali. Então todo mundo tinha que usar um lenço vermelho, e eu comprei logo um lenço vermelho, comprei meio metro de fazenda e minha mãe embanhou assim (*Seu Muriçoca faz uma pausa para beber água*).

Neda - *A história da Revolução, o lenço.*

Muriçoca - Sim! Eu comprei meio metro de fazenda vermelha. Minha mãe fez o embanhado assim, na mão mesmo, não tinha máquina nem nada. Eu amarrei, comprei um anel de latão, saí no meio dos soldados. Tinha tudo, né? O Exército, muita comida, não faltava nada, a gente fazia mandado do soldado. Vixe, o soldado mandava fazer um mandado daquele a gente saía tudo na carreira! Mandava a gente comprar um cigarro, eu sempre gostava dessas coisas, não é? Quando veio esse rapaz, para fazer o alistamento, eu fui me alistar. O alistamento era lá na cadeia (*funcionava na praça da Sé, onde funciona um museu*).

Então, quando eu cheguei lá tinha uns cinco ou seis na minha frente, quando eu cheguei na minha hora, o camarada disse: "Como é seu nome?". "José Cassiano da Silva". "Que ano você nasceu?" Nome do seu pai,

mãe... "Que ano cê nasceu?". "Três de setembro de 1914", todo enfezado, viu? Ele: "Vixe, não vai não, que ano foi, menino?". "Catorze". "Vai não, meu filho". "Ei Cassiano novo!" que eles conheciam meu pai, viu? "Ei Cassiano novo você não vai não? Por quê?". "Porque você tem 17 anos, não pode."

Vixe Maria! Eu fiquei triste, e aquela fila danada. Eu cheguei assim, ele disse: "Olha, eu tô vendo que você tem vontade, de ir, essas coisas. Então, você volta amanhã, você não diz que teve aqui hoje. Você diz que nasceu dia 3 de setembro de 1913. Não vá

**"Cheguei em casa (...)
Aí, minha mãe disse:
"Se alistou?". "Não,
mamãe". Ela disse:
"Graças a Deus que
você não vai pra
guerra! (...) 'Vou
morrer não'""**

errar!" Eu disse: "Tá certo." Eu demorei por ali, fui saindo. "Ei, magro véi", magro como o diabo eu, gordo desse jeito, "Se alistou?". "Não rapaz, me alistei não." "Por quê?" "Me esqueci do sobrenome do meu pai todo direito". "Ô, tenha vergonha, como é que você quer ser soldado e esquece o nome do seu pai?" (*risos*) Tenha respeito e tal. Eu disse: "É isso mesmo". Mas eu não tinha esquecido nada.

Cheguei em casa no outro dia, aí, minha mãe disse: "Se alistou?" "Não, mamãe." Ela disse: "Graças a Deus, que você num vai (*risos*), não vai pra guerra" Eu fiquei calado. No outro dia, foi só a conta! Cheguei lá, tinha outros camaradas. Comecei a dizer

meu nome, tá, tá, tá. "Quando nasceu?". "1913". Aí alistavam a gente direitinho e davam três mil réis a gente, viu? Ora, três mil réis naquele tempo, em 32, não tinha quem pegasse em um centavo. Não tinha centavo naquele tempo era réis. Saí todo cheio de vida, comprei logo aquele cigarro. Como era o nome dele? "Fumador", acho que era. Comprei uma caixa de fósforo, cheguei em casa: "Pronto, mamãe". Dei dois mil réis a ela, "O que é esse dinheiro?" "É que eu me alistei". "Valha minha Nossa Senhora, você vai pra guerra?". "Tem nada não, vou morrer não. Se tiver de morrer é porque é isso mesmo". Num instante ela foi comprar umas coisas, que não tinham não é? Era uma fome danada. Ninguém tinha nada.

Passamos uns quatro dias em Crato. Todo dia a gente recebia três mil réis. Quando foi pra embarcar, se eu não estou enganado, não sei se foi nove ou dez mil réis que nós recebemos.

Foi. Eu sei que eu deixei seis mil réis em casa, no dia que embarquei. Comprei uns negócios, um cigarro, umas coisas, e deixei seis mil réis. Todo dia pegava dinheiro e ia deixar umas encomendas ou comprava uns negócios. Minha mãe sempre chorando, chorando. "Minha mãe não chore não, porque eu..." "Ah, meu filho, você vai morrer na guerra". "Vô nada mamãe!" Finalmente ia diminuindo mais as coisas.

Celestino - *Seu Muriçoca, o que é que o senhor sabia sobre a revolução que o senhor ia lutar?*

Muriçoca - Nada, não sabia de nada. Chegou o dia do embarque e nós embarcamos. Pernoitamos em Iguatu às 8:30 da noite. Saímos às cinco horas



Durante a primeira pré-entrevista, Seu Muriçoca levou integrantes da produção para fazer um passeio por lugares com acesso restrito do Theatro.

Foram realizadas duas pré-entrevistas com Seu Muriçoca. A primeira foi no Theatro; a segunda, em sua residência com a presença de dona Lindou.



Foram dadas quatro horas de pré-entrevista. A entrevista, na biblioteca do teatro, durou mais três horas. Foi a mais longa de toda a revista.

da manhã. Chegamos aqui às onze e meia da noite. Descemos lá na estação, viemos de lá pra cá. E eu achando a cidade muito bonita. Uma capital, não é? Acostumado no interior pra vir embora pra capital. Era um negócio sério! Entramos aqui no Theatro José de Alencar, fomos ali para o fundo do Theatro que era uma certa murada ali, era estreito. A cozinha era ali atrás. Então, nós recebemos logo um prato de ágate, uma colher.

Alexandre - Um prato de quê?

Muriçoca - Ágate.

Alexandre - Ágate?

Muriçoca - Chamam porcelana, não é? E um copo de alumínio. Entramos na fila pra receber a chepa. Sabe o que é a chepa, não sabe?

Alexandre - A bóia não é?

Muriçoca - A gororoba, né? Então começamos ali, recebemos a carne, tudo. Farofa, muita coisa, muita comida. Eu nunca tinha visto tanta qualidade de comida daquele jeito, não sabia nem o que era. Uma etapa de pão. Você sabe o que é uma etapa de pão? Os pães naquela época, o pão, como eu chamava, pão. O pão deste tamanho, fazia três pedaços, Eles passavam uma manteiga, vinha manteiga que, naquele tempo, só tinha manteiga Diamantina e Lírio. Era manteiga, boa danada. Passava ali a chepa. Tudo: arroz, carne, tudo. Farinha, pão, duas laranjas, duas bananas. A gente saía, suspendia naquele meio de mundo. Eu recebi, sentei o pão acolá. Eu ainda vou mostrar onde eu me sentei pela primeira vez, abri as pernas, botei o prato no meio e larguei a pá. Vocês sabem o que é pá? A colher. As mãos toda suja, não podia nem lavar a mão, nem

coisa nenhuma. Pegava naqueles ferro, naquelas coisas. As mãos mais sujas, mais gostosa ficava a comida.

Comendo e olhando seu prato, daquele e daquele, pra saber se tinha mais do que o meu. Foi difícil, viu? O sujeito tá comendo assim, tá danado de fome. Tem muita comida no seu prato, mas você tá olhando o daquele pra saber se tem mais do que o seu. Mesmo assim fazia eu. Comi, rapaz, que quando eu fui me levantar eu olhei assim, chega soprava. Vixe Maria! Fui me levantar, não pude. Isso aqui (*mostrando a barriga*) tava largo. Você não vê esses cururus que tem

“Descemos lá na
estação. Viemos de lá
pra cá. E eu achando a
cidade muito bonita.
Uma capital, não é?
Acostumado no
interior, pra vir pra
capital...”

assim detrás do pote pintado de preto? Mesmo assim era eu com o bucho largo. “Ave Maria” Quando fui me levantar foi preciso botar a mão no chão pra eu me levantar. Daí eu fiquei foi lesado e meio. Digo: “Meu Deus do céu., comi demais”. Saí, fomos entrar na fila pra pegar café. Um copo cheio de café, pão. Ainda comi uma banana e uma laranja. Os outros comiam do mesmo jeito, tudo vinha danado de fome.

Fomos subir e fomos dormir (*batendo com as mãos*) o teatro lotado. Lotado, o batalhão. Eu arranjei um cantinho lá no Centro de Saúde, que hoje é o jardim. Tem a boca de cena, lá em cima. Arranjei um cantinho ali, fui me deitar, mas não pude. Não pude, porque a coisa tava

ruim, quando eu fui me deitar. Eu vou pedir licença a vocês, que eu vou contar um negócio ruim. Quando eu fui me levantar (*imita vômito*) enfiei o dedo (*na goela*) e joguei um bocado pra acolá. Tava cheio demais, fiquei sentado: “Ai meu Deus, será que eu vou morrer?” Pensei. Eu pensei em morrer, viu? Fiquei ali no cantinho, tentando me esconder assim. Vinha com sono, porque pernoitado ninguém dormiu nada no Iguatu, não é? Aquele cheiro. Fui baixando, baixando.

Alexandre - Onde é que o senhor dormiu?

Muriçoca - Em cima, na platéia, na geral do teatro.

Alexandre - Todo mundo dormia..

Muriçoca - Todo mundo dormia no chão, e eu arranjei esse cantinho lá no canto. Mas lá não pude me deitar porque a barriga tava cheia demais. Vi a hora morrer.

Neda - E o que foi que o senhor achou do teatro da primeira vez que viu?

Muriçoca - Achei bonito. Aquela coisa, parecia que eu tava no outro mundo. Eu nunca tinha visto um prédio desse aqui desse jeito.

Régia - O senhor se interessou pela arte do teatro já naquela época?

Muriçoca - Não, não, não. De jeito nenhum. Tinha nem pensamento, mas eu chego lá.

Alexandre - Mas quando o senhor entrou no teatro, o senhor imaginou que ali eram encenadas peças?

Muriçoca - Não.

Alexandre - Não tinha a menor noção do que era aquilo?

Muriçoca - Não, nada, nada, nada

Marta - O senhor pensava que acontecia o quê naquele palco, as cadeiras. O que o

Seu Muriçoca foi operado de catarata três vezes. Na primeira, não houve complicações, mas na segunda, acabou perdendo a visão do olho esquerdo.

senhor imaginava que acontecia ali?

Muriçoca - Sabia que podia aparecer algum drama que lá no sertão, às vezes, tinham aqueles drama, naqueles colégios das irmãs. Mas que eu nuncaia. Não tinha dinheiro pra pagar. Então, eu não tinha muita vontade, num sabe? Tinha mais ou menos uma noção porque tinha o circo, não é? Eu andava nos circos. Via aqueles negócios e tal. Aqueles circozinhos deste tamanhozinho.

Eu fui tomar banho e tal, entrei na fila pra tomar banho, tomar café, mas quando foi na hora de tomar café, foi outro copo de café cheio, rapaz.

Ora, não tinha evacuado nada. Mas esse negócio, não tinha evacuado nada. Uma lapa de pão, um copo de café, ficamos ali. Agora fazer a instrução. Todo mundo, primeira vez que sai da porta desse teatro, para a instrução na praça José de Alencar, na rua sabe? Eu não sabia nem pra onde era que ia. Tinha a praça José de Alencar do outro lado. Sempre quando eu passo lá do outro lado, me lembro. Daqui acolá me lembro. Meu instrutor era um negro desses negros do beijo virado assim, encarnado (*fazo gesto*). Aí ele lá. "Marchando". Plá, plá, plá (*imitando o som da marcha*). Ele mandou eu dar meia volta, volver. Eu lá sabia o que diabo era esse negócio de meia volta volver!

Fiquei patinando assim, ele disse: "Se ajeita magote". Danou com a botina, a bota aqui desse lado. Eu quase que enfiava a venta no chão. É quando o sujeito se lembra da mãe, viu? Bem que minha mãe me disse que eu não viesse. Eu saí mancando. "Se ajeita molóide". Eu saí, me aprumei assim, Naquela hora, eu não

vou repetir aquelas palavras que eu já ouvi da minha mãe. Veio um pressentimento; Nego véi, eu disse um nome né? Ah, se eu te pegasse na Serra do Araripe, onde eu sei que eu dava tanta facada na tua barriga! que não tinha doutor que tapasse o buraco! Ah, desgraçado! Passamos pela praça da Lagoinha, quando foi 10 horas, voltamos. Já tava mais esvaziado o negócio ali, mas foi outro prato, viu? Sabe quando foi que eu fui deixar de comer demais assim? No terceiro dia que nós já estava aqui.

Eu comia e olhando o prato se tinha mais do que o meu.

"Comendo e olhando o seu prato, daquele e daquele pra saber se tinha mais do que o meu... Fui me levantar, não pude... Foi preciso botar a mão pra eu me levantar"

Caroline - *Seu Muriçoca, então porque o senhor decidiu continuar servindo o Exército?*

Muriçoca - Bom, foi quando o negócio, vamos aguardar, esperar que a gente ia ser incorporado aqui no 23BC (*Vigésimo Terceiro Batalhão de Caçadores*), a gente ia pro Sul.

Caroline - *Não, pois é. Por que o senhor decidiu continuar?*

Muriçoca - É, porque eu quis, já que eu não tinha ido pra guerra, queria ficar pra ser soldado, eu queria ser soldado mesmo, eu tinha vindo pra ser soldado. Chegou essa oportunidade, d'eu ir pro 23-BC. Naquele tempo só vinha para o 23-BC, quem era sorteado.

Naquela época eles sorteavam os rapazes pra vim pra cá, pra marinha, pro 23-BC. Pra aeronáutica não, porque não tinha aqui ainda, naquela época que eles sorteavam. Então, eu fiquei... (*silêncio*). Um dia de tarde nós resolvemos, eu e os dois colegas, pedir baixa, eles foram pedir baixa: "Você não vai não?". "Não rapaz, eu vim pra ser soldado". "Que diabo de soldado. Vamo simhora que lá tão tudo nosso pessoal passando fome, seca danada. A gente almoçando, comendo hem. Ninguém embarca, ninguém vai ser soldado, ninguém vai para o sul. Simhora pra nossa terra." Eu

digo: "Não mas eu vim pra ser soldado, eu vou ser é soldado mesmo". Foram pedir baixa. Quando eles foram eu fiquei arrependido de não ter ido e aquele negócio, vai, não vai. Eles chegaram: "Não vai não, rapaz?". "Não, rapaz". "Vai". Eles pegaram pelo meu braço, "Vai pedir baixa seu molóide. Chega lá nosso tio vai reclamar, perguntar por você, fica chorando, negócio." Eu fui, mas aquilo não tava tão certo pra mim. Subi, era na casa das ordens, na frente do quartel general, naquela parte de cima. O comando é lá em cima como ainda hoje é. Cheguei lá, me apresentei. Ficaram assim olhando, o comandante "Nesse instante vi dois molóides safados pedir baixa, agora vem esse aqui. Tá pensando que aqui é casa de sogra?". Eu: "Vixe Maria". O ajudante do homem disse: "O senhor não vai? O quê que vai dizer para o rapaz? Não vai licenciar ele, não?" Ele disse: "É, manda. Como é o seu nome? Dá baixa nesse camarada aí. Não presta mesmo. Tão pensando que aqui é casa da sogra. Só presta mesmo pra viver no mato



Há 65 anos, Seu Muriçoca mora no mesmo bairro, no Morro do Moinho. Ele disse que de lá, só sai para o cemitério São João Batista.

Quando foi para o 23° BC, Seu Muriçoca ainda não havia comido com garfo. Foi aí que experimentou pela primeira vez. Terminou cortando os lábios.



Quando soube que a Revolução Constitucionalista havia acabado, ao contrário dos demais, Seu Muriçoca se decepcionou: não ia mais lutar na "guerra".

mesmo, não serve de nada.”

Assinamos a baixa, recebemos acho que 10 mil réis, 10 mil réis, 12 mil réis, pagamos a barbearia, cantina, aquelas coisas. Ainda ficamos com 5 mil réis, eu fiquei com 5 mil réis. Dormimos na estação, de manhã bem cedo pegamos o trem, fomos para o Crato. Isso é um dia de sábado, pernoitamos em Iguatu, chegamos no domingo às onze e vinte, ficamos lá, na casa de um desses rapazes era um quarteirão da estação. Lá pra casa dele era um quarteirão, do outro era meio e a minha que era mais longe, dava uns três ou quatro quarteirões. Foi aquela animação na casa do Zé Ferreira, na casa do Chiquinho. Eu fui na frente quando cheguei lá em casa, que o pessoal não esperava, era um dia de Domingo, bate na porta. Antes de eu chegar tinha aqueles conhecidos: “Seu Cassiano, Dona Filinha, Dona Raimunda, José, vem ali, José vem ali” Aquele negócio, viu? Saíram, tudo de pé no chão, morava no bairro vermelho.

Marta - *Seu Muriçoca, o senhor fala que em alguns momentos de dificuldade, o senhor se lembrava, nessa época do seu pai, ou da sua mãe, de algum conselho, como é que o senhor lidava com a ausência deles?*

Muriçoca - Naquele sofrimento eu me lembrava deles, da minha mãe logo, que era quem não queria. A gente nunca tinha saído de casa, nem nada e vir do interior pra capital. Eu tinha aquela lembrança, aquela recordação. Lembrando daquele café que a gente tomava em casa, com farinha, às vezes não tinha pão. A mistura era farinha seca com café. Às vezes, muito difícil, tinha assim um pão de milho, uma coisa, uma tapioca, um

bijú, mas sempre era uma farinha seca.

Eulalia - *Seu Muriçoca, como foi o reencontro com a mãe do senhor?*

Muriçoca - Bem, quando chego em casa, lá vieram me abraçar e minha mãe chorando: “Graças a Deus, Nossa Senhora da Penha - que é a padroeira lá do Crato - meu filho voltou, meu filho voltou. Não foi pra guerra”. Aquela coisa. Começaram a chorar de alegre e triste, porque eles tinham almoçado um feijãozinho, uns carocinhos de feijão. Ela tinha cozinhado em panela de barro, com as

“Sabia que podia aparecer algum drama, que lá no sertão, às vezes, tinham aqueles dramas... Mas que eu nunca ia. Não tinha dinheiro para pagar”

trempe... Vocês sabem o que são as trempe não sabem?

Alexandre - *Como?*

Muriçoca - As trempe, pro matuto, assim, quando fala em trempe ...

Alexandre - *Trempe?*

Muriçoca - Sim, trempe. Coloca a panela no fogo em cima de umas trempe e tal. Vocês sabem como é? Sabe o que é?

Alexandre - *Não.*

Muriçoca - São três pedras, viu? Tá aqui as pedras, uma aqui, outra aqui, outra aqui (*faz como se estivesse colocando as pedras em triângulo sobre a mesa*). Bota a panela, as trempe é as pedras, né? Então, aquele fogão, aquela formilha feita de tijolo ou de barro, menos tijolo faz mais de barro. Aquele pra colocar a

panela em cima com a lenha.

Alexandre - *Aí?*

Muriçoca - Aí a minha mãe me chamou: “Ô meu filho é porque nós tinha uns caroço de feijão, uns carocinho de feijão, comemos escoteiro (*no sentido de puro, sem mais nenhum acompanhamento*). E agora não tem nada, nada. E você chegar agora, onze horas, quase doze horas sem comer sem nada. Aí eu: “Não, minha mãe, não tem nada não.” “Por quê?” Eu tenho dinheiro aqui. Na passagem, distante da minha casa, mais ou menos um quarteirão, tinha uma bodeguinha que eu costumava

comprar as coisas antes. Eu vi penduradas umas tripas de porco, eu digo: “Vou já mandar minha mãe comprar umas tripas de porco pra eu comer, que faz tempo que eu não como” (*risos*). Puxei 5 mil réis e papai, depressa, foi comprar. Saiu depressa pra comprar arroz e tripa de porco, farinha. Aí minha mãe depressa torrou aquelas tripas, fez aquele

arroz e fez aquela farofa. Só na água, aí depressa foi embora, nem escorreu. O matuto não escorre o arroz não, sabe?

(*Neste momento da entrevista, ele faz algumas divagações sobre roupas, passeios na praça Siqueira Campos, no centro do Crato, e as sessões de cinema no extinto Cine Cassino*)

Eulalia - *Seu Muriçoca, então como foi que depois de tudo isso foi parar num campo de concentração na seca de trinta?*

Muriçoca - Tô no caminho...

Eulalia - *Mas o senhor podia falar agora? Eu queria muito saber dessa experiência do senhor.*

Muriçoca - Eu chego lá, já

Na pré-entrevista, Seu Muriçoca, em tom de suspense, disse que morava junto com uma meninazinha. Mas, acabou confessando que ela tinha “apenas” 84 anos.

pra ir logo, viu? No come-cinho...

Caroline - *Seu Muriçoca, deixa só eu fazer uma pergunta antes. O senhor falou que não tinha mais comida quando o senhor voltou, já tinham comido o feijão. O senhor passou muita fome?*

Muriçoca - Muita fome, muita necessidade. Eu vou chegando, tá encostadinho, viu? Tá em cima da hora é?

Alexandre - *Não se preocupe com isso não Seu Muriçoca.*

Muriçoca - (Havia) O cinema no domingo, na segunda-feira, a feira do Crato. Chegava um trem da Paraíba às nove horas, viu? Pra feira, o pessoal vinha fazer a feira no Crato. Quando nos tava lá avistamos assim o pessoal descendo da estação. Eu disse para o Xavier: "Xavier, olha o lado de lá quem vem". "Vixe Maria, quem é?". "O tenente Alfredo Dias, o tenente da polícia"- que era o comandante da companhia de Juazeiro, viu? "Vixe Maria, e agora?" Naquele tempo a farda era toda branca, abotoadura e galão tudo amarelo e espora, polaina. Tudo pro sujeito andar num luxo danado. Quando ele se aproximou assim, foi dando continência, ele passou, nos cumprimentou, quando passou, mandou que nos abaixássemos a mão. Aquelas coisas... Aí, saiu e tal. Nós dissemos: "Rapaz, vamos, não vamos ficar perto desse homem que ele pode vim perguntar o que é que nós estamos fazendo, qual é o nosso serviço aqui, e nós temos que responder e nós não somos nada. A gente tem de dizer alguma coisa a ele. Dá um xadrez danado na gente aqui." Porque soldado, naquele tempo, quando dava baixa, eles ficavam sem as platinas porque

mandavam arrancar as platinas viu? Podia andar com aquela roupa e tal, mais sem isso aqui (passa a mão nos ombros como quem arranca alguma coisa) não era nada e nós tava tudo afiado, pensando que era gente mesmo.

Chegou a terça-feira, fomos para o campo de Buriti, o campo de concentração, viu? Tinha um cidadão lá que era chamado de José Soares, que era muito conhecido do Zé Ferreira, esse meu primo. Nós fomos pra lá, demos bom dia a ele, se apresentamos. Ele disse: "Deixa o capitão chegar, que o capitão João de Pinho, era

**“Tinha muita cana,
muita coisa, a gente
tinha uma porção e
coisas lá. Mas o pobre,
quando acontece
alguma coisa, pensa
que é alguma coisa no
mundo”**

capitão do Exército, que era quem comandava aquele pessoal todo do campo de concentração. Então, quando ele chegou, disse: "Olha, o capitão vem já". A gente sabia que o capitão tava hospedado numa pensão. Do Hermes. Pensão do Hermes, uma pensão velha em Crato, um sobrado que tinha lá na rua Dr. João Pessoa. Ainda hoje existe esse prédio lá. De longe assim parou, nós fizemos continência, os três, ele desceu do carro, nos cumprimentou e mandou nos baixar a mão. Quando ele foi chegando o José Soares foi recebendo ele e foi dizendo: "Olhe capitão, têm esses rapazes, chegaram assim agora e tal, vem chegando aqui" Ele disse "É, eles já me cumprimentaram. E você aproveita

esses rapazes, esses rapazes conhecem o serviço, mostre as armas a ele que pra eles tomar conhecimento e tal". Porque, naquela época, nós tínhamos muita gente concentrada, tudo pé no chão, roupinha. Tinha gente que era mesmo, mas tinha outros que era índio mesmo, matuto, esculhambado mesmo. Mas tinha gente de família, fazendeiro que tavam pobres, tinham vendido tudo, não tinham mais nada. Os guardas eram vestidos de saco, naquele tempo a farinha e os arroz vinham em saco, né? Aquelas mulheres costuravam aquela roupa, pintavam o saco de tinta azul e vermelha pra fazer a roupa do pessoal. Agora nós vamos para os barracões. Eram quatro barracões.

Já tavam mais ou menos cedo, eles levavam tudo quanto era de arroz, feijão, farinha, sal, carne, tudo pra ser distribuído, aqueles pedaços tudo assim picado. Quando o José Soares chegou, nos apresentou os funcionários que tavam lá naquela hora, os funcionários que tavam assim, como tá a turma aqui nós conversando, apresentou a gente. Teve um que disse: "Pegue três sacos a mais, que é pros meninos aqui" Falaram em três sacos nós ficamos, eu fiquei animado e todo mundo lá, Nossa Senhora, se chamou um pra outro modo papagaio, viu? Começou a despachar arroz, feijão, farinha, tudo, cada pedaço de carne assim, coisa boa mesmo. A gente olhava assim "Pronto". Vamos trabalhar. Eu sempre tenho um dom porque Deus me ajuda, Ele olha pra mim sempre, sempre, sempre. Achou de José Soares de me dá logo o caderno pra chamar o povo, o chamador. Eu não sabia nada rapaz, como ainda hoje não sei, avali naquele tempo. Zé



Na parede da sala de estar, há um quadro que reproduz uma matéria que fala a seu respeito, do jornal Tribuna do Ceará. O quadro foi presente de um amigo.

Quando o capitão do exército disse que quem quisesse ir para o 23º BC desse um passo à frente, Seu Muriçoca, não hesitou, dando um passo muito grande.



Em relação ao tempo que estão casados, Dona Lindou e Seu Muriçoca possuem v e r s õ e s diferentes. Ela conta a partir do religioso (64) e ele, do civil (65).

Seu Muriçoca já recebeu várias homenagens. Guarda algumas placas em cima da estante da sala de estar, outras estão no Theatro José de Alencar.

Ferreira e o Chiquinho como fiscal embaixo. “Cassiano, você vai ser o chamador” Eu digo: “Eu, Seu Zé Soares?” “Sim, você mesmo.” Eu digo: “Certo. Valha-me Meu Deus, como é que vai ser isso aqui?” Subi na escada, tinha uma escada que subia em cima do riacho. Tinha coluna (*estica o braço para o infinito*) de muita gente, tinha mulher, menino, todo jeito, velho que não podia trabalhar, aquelas cuiazinhas, aquelas bacias. Então, na lista, nesta primeira lista tinha um nome que eu não esqueço nunca porque tenho um sobrinho com esse nome, viu? Era Antônio Alves de Oliveira, se eu não me engano parece que era com duas pessoas na lista, eu disse: “Vixe, Maria!” Quando recebo ordem pra chamar: “Pode chamar” O outro chamou, outro chamou, eu fiquei no meio. Os outros chamaram, vi como era que despachava. Eu gritei: “Antônio Alves de Oliveira” Era uma fila, rapaz! “Três pessoas”, chamei logo três pessoas, eram duas, aí a mulherzinha lá no fim da fila ficou lá e eu gritei três vezes, nada. “Seu guarda, chama essa mulher” “Como é o nome?” O guarda manda ela avançar. Ora avançar, sabia lá o que diabo era avançar. Só a gente mesmo era que tinha no quartel esse negócio avança. Lá vem a pobre da mulherzinha. Toda, quase nua, semi nua, aí levantou a bacia se tremendo pra receber. Digo: “De longe logo que o guarda também no balcão... Zé Ferreira, três pessoas” Ora se o guarda que é esse aqui, acostumado a ver aquela mulher receber todo dia duas pessoas, e naquele dia três, na minha chegada. O Zé Ferreira foi despachou, o guarda por ali também não disse despachando. Quando

demos continuação chamando o pessoal e tal, todo mundo. Lá naquele meio, depois já pra terminar, veio outra pessoa com quatro, eram três pessoas, eu botei quatro. Terminamos, todo mundo foi despachado três e meia pra quatro horas tava todo mundo atendido. Zé Soares: “Bom, terminou”. Vixe, Maria, nós tamos cheio, lá em casa não tem nada e eu vou levar tudo isso.

Alexandre - Mas, Seu Muriçoca, o que fazia o senhor acrescentar mais gente à lista?

Muriçoca - Era porque eu achava tão pouco meu filho, e a comida era tão pouca que

“Quando vejo aquelas casa de barro, aqueles negócio, eu digo: “Pre-guiçoso!”. Esses preguiçosos, esses matutos... Tipo índio. Índio é bicho preguiçoso”

botavam pra aquelas pessoas, que não dava pra nada, uma comida eu comia só aquilo ali e eu ficava danado de fome. Eu não tava mais com aquela fome porque a fome já tinha sido morta aqui, no Theatro José de Alencar. Depois fui pra 23, não tinha mais aquela fome, né?

Alexandre - E não faltou?

Muriçoca - Ah?

Alexandre - Não faltava comida?

Muriçoca - Não, não deu pra alterar nada. Sobrou uma porção de resto de cereais, essas coisas, e voltou? Eu pensava que aquele restante que ia naquele dia voltava no mesmo dia no mesmo saco no outro dia. Mas não. Já vinha era outras sacas, pra ser aberta.

Bom, aí eu continuei aumentando, aumentando, aumentando, aumentando. Quando cheguei com uma semana, ou duas, o guarda que trabalhava aqui chegou e disse: “Eu tenho uma parenta minha aqui são três pessoas e nada eu queria que o senhor desse um jeitinho, aumentasse mais alguma coisa” Eu digo (*o telefone toca*): “Me avise” Mandou dá o nome, botei logo ali no livro. Ele preveniu também ela que quando chamasse não eram mais três pessoas, eram quatro, viu? Ela atendesse logo. Eu fiquei a marcha controlada com o guarda, os fiscais e fomos aumentando, aumentando, aumentando. Pra encurtar a estória, quando terminou, que vinha o inverno, gente que lá estava que entrou com cinco pessoa seis, saiu com 12, 13, 14. E nunca foi reclamado porque a comida, o gênero se acabava não dava pra fornecer, que era muito ainda.

Eulalia - E como era a situação naquela época?

Muriçoca - Era a seca.

Quando foi em 33, veio o inverno, né? Foram dissolvidos os campos de concentração e o pessoal foram pra suas terras plantar etc. E recebi aquela alimentação, aquela parte de alimento pra ir trabalhar que desse pra fazer a plantação e tal, viu?

Celestino - Seu Muriçoca, recentemente uma peça encenada aqui no teatro retratou esse drama da seca, que o senhor viveu. O senhor chegou a assistir?

Muriçoca - Uma peça foi?

Celestino - Foi, há alguns anos atrás. Sobre a seca, exatamente sobre os campos de concentração.

Muriçoca - Rapaz, eu sempre venho, aqui, assistindo peças nesse teatro aqui. Há

muito tempo, mas não me recordo dessa.

Celestino - Mas o senhor assistiu alguma peça sobre a seca?

Muriçoca - É, mas não foi muito como eu vi, viu? Elas fazem aquele negócio, aquela coisa. Um enfeite diferente e nunca... tem uma pequena imitação daquele tempo, num sabe? Do que eu conheci, né? É como esse negócio do Lampião, eles falam tanta coisa, que conhecem Lampião e muitas coisas e tal... Qualquer notícia nós estamos aqui e eu meti Lampião aqui no meio e tal. Eu não encontrei ainda um historiador que contasse a história de Lampião, quando se deu o último fogo de Lampião no Estado do Ceará. Eu já tenho procurado uns livros assim (*aponta para as prateleiras*) e não encontrei. Encontrei outras histórias diferentes, mas não encontrei ainda, não encontrei ainda a história diferente, quando foi o último fogo de Lampião no Estado do Ceará, quando ele foi embora e não voltou mais.

Alexandre - O Lampião algumas vezes foi se confessar com o Padre Cícero em Juazeiro, o senhor tem alguma lembrança do Padre Cícero?

Muriçoca - Não, lembrança do Padre Cícero eu tenho, mas que sobre essa confissão do Lampião eu nunca tomei conhecimento. Já aqui foi que...

Alexandre - Não, o senhor nasceu em 1914.

Muriçoca - Foi

Alexandre - O Padre Cícero morreu em 1934, então o senhor já tinha 20 anos

Muriçoca - Eu já estava aqui em Fortaleza

Alexandre - O senhor tem alguma lembrança quando o senhor estava em Crato

Muriçoca - Ele morreu em 34?

Alexandre - 34.

Muriçoca - O Padre?

Alexandre - Foi

Muriçoca - Então eu estava em Crato ainda.

Alexandre - O senhor tem alguma lembrança de ...

Muriçoca - Eu tenho lembrança quando ele chegou em Crato quando foi inaugurado o trem, pela primeira vez em Crato, que eu assisti ele no centro da plataforma na frente e tal e eu assisti e tal. Todo mundo naquela alegria, mas eu nunca fui a Juazeiro pra falar com o Padre Cícero

Alexandre - Mas o senhor

“Eu dizia que era lembrança, que era recordação. Se lembrando daquele café que a gente tomava em casa, com farinha, as vezes não tinha pão.”

chegou a vê-lo de longe?

Muriçoca - Mais ou menos como daqui até a saída dessa sala aqui (*aproximadamente 2,5 metros*). A gente tudo naquela aglomeração e tal, doido pra ver e eu doido pra ver o Padre Cícero também.

Marta - Seu Muriçoca, algumas pessoas falam da figura do Lampião como um bandido, outras como um herói do cangaço. Como é que o senhor vê a figura do Lampião?

Muriçoca - Herói do cangaço.

Marta - Por quê?

Muriçoca - Porque era um homem que gostava de fazer muita caridade, não maltratava aquelas pessoas pobres, que não falassem dele, falando dele tá certo. Mas que era uma

pessoa caridosa e tudo, onde chegasse que tivesse pessoal com fome ele dava tudo etc. O homem cansou de chegar em Porteira de Fora (*município na região do Cariri*) dia de feira e o pessoal pedia a Deus que ele chegasse naquela feira porque aqueles matutos sem nada e, quando saía pra casa, era com carne, arroz, café, açúcar, querosene, toucinho, tudo levava pra casa. Ele dava dinheiro a todo mundo, né? E a polícia, a nossa polícia só fazia tomar e meter a peia.

Alexandre - Seu Muriçoca, fale quando o senhor saiu, quando acabaram os campos de concentração.

Muriçoca - Foi quando eu fui trabalhar, voltar a trabalhar na minha profissão de sapateiro, que eu trabalhei 18 anos. Eu entrei em uma oficina pra aprender a ser sapateiro no dia 3 de setembro de 1930, um dia de segunda-feira, pode pegar o calendário por aí afora e procurar essa data que encontra

Alexandre - E aí, o que o senhor ficou fazendo durante esse tempo?

Muriçoca - Na arte de sapateiro?

Alexandre - É.

Muriçoca - Bom, aí eu fui aprender a arte. Mas se você me permitir, se fez essa pergunta não sei se vai interessar essa parte do Lampião, não sabe?

Alexandre - Diga.

Muriçoca - Nós entramos aqui, eu gosto muito dele, sempre gostei

Alexandre - Somos dois.

Muriçoca - Então pronto (*risos*). Eu me sinto mal quando chego em uma parte que chega uma pessoa falando mal, parece que tá falando de



A casa fica em frente à linha do trem. Porém, todos já conseguiram se acostumar com o barulho constante de sua passagem. “Já foi muito pior...”

Apesar de estar morando na mesma casa há 38 anos, Seu Muriçoca nunca chegou a construir o segundo piso. Há somente uma escada que vai até o teto.



A produção ficou encantada com a vista que se tem do Cemitério São João Batista, proporcionada pela passarela que passa por cima da linha do trem.

mim. Acredita?

Neda - *O senhor chegou a encontrar o Lampião?*

Muriçoca - Eu não tive o prazer de ver aquela criatura. Não tive o prazer, tive vontade de morar com ele... agora eu vou contar o resto ...

Caroline - *Vontade de ser cangaceiro?*

Muriçoca - Eu tive vontade. Não tive a oportunidade. Vou chegar numa parte aí. Um belo dia, eu pensei assim: "Sabe de uma coisa eu vou morar mais Lampião." Agora não me recordo a data, viu? Não me recordo disso não. Tinha um camarada lá no sítio de nome Romualdo, lá perto de Cajazeiras de Farias, Crato, aquele município acolá. Então tinha um senhor lá do engenho, Seu Hermógene, que tinha um filho por nome "Aderson". Não, "Jocel" era um louro desse branco atarocado do cabelo, a gente chama do cabelo atarocado, cabelo de cupim, todo cheio daquelas "sarnas" a pele toda... Então ele era um daqueles que gostava daquelas, das cabocas, as meninas, as moradoras e fazia brincadeira com as meninas né?

Eu tomei conhecimento canela suja mesmo com os meus colegas lá que ele era assim. Naquele tempo os meninos, as moças, qualquer coisa, os pais estavam conversando acolá, ninguém chegava perto, de longe bastava você olhar assim... Você saía com o rabinho entre as pernas e acabou-se. Mas eu tinha as "ouças" boas, hoje não porque eu já sou mouco, além de cego sou mouco, viu? Bem pouquinho, mas tem hora que eu não ouço nada. Ouvia: "Jocel fez isso assim com fulana, filha de fulana, com Mariazinha e tal, filha do compadre fulano, assim,

assim." Eu digo: "Mas ele é assim mesmo rapaz, ô coisa horrível." Eles tinham medo, tinham medo assim, porque eram moradores, o senhor de engenho daquele tempo achava feio, ou mandava você sair no outro dia ou mandava o outro caboclo dar sumiço acolá no pé de serra, matar. Eles sempre tinham medo. E eu sempre tive esse espírito assim não sei como (*o telefone toca*) Quando...

Alexandre - *Continue.*

Muriçoca - Eu disse assim: "Mãe, a senhora sabe de uma coisa?" Eu preparei um lençolzinho que tinha, tinha um lençolzinho de algodãozinho,

“Vou já mandar minha mãe torrar(...) pra eu comer, que faz tempo que eu não como (..) Puxei 5 mil réis e papai, depressa, foi comprar”

né? E a rede, enrolei, enrolei uma cabaça, pra botar água. Tinha almoçado, tinha comido um andu, lá no interior nos tinha um andu. Conhece o andu?

Alexandre - *Conheço.*

Muriçoca - Pois bem, feito no leite da macaúba, viu? Ai eu cheguei e disse: "Mãe?" "O que é menino?" "A senhora sabe que eu vou me embora, agora?". "Ave Maria menino". "Vou morar mais Lampião" Foi que ela quase morre, "Vixe meu filho, pelo amor de Deus não faça uma coisas dessas não, e tal. Seu pai não tá em casa." Eu digo: "É por isso que eu vou mesmo, porque não tá em casa". "Não faça isso e tal", digo: "Não eu vou" Já tava com a tipoiazinha, quando eu cheguei que fui tomar

bênção a ela, ela chorando, isso assim a queima roupa, viu? No meu pensamento eu vou morar mais Lampião e eu vou matar Jocel. Vou pedir a ele e vou matar Jocel, que ele nunca mais faça isso com as meninas (*batendo na mesa*). Era meu instinto era esse. Quando naquela agonia, acho que eu não nasci pra ser criminoso e coisa nenhuma. Ela chorando, eu me arriei, acredita? Não fui mais nada no mundo, não tive mais nem coragem de falar mais, comecei foi chorar.

Régia - *Seu Muriçoca, como foi que o senhor conheceu a sua esposa?*

Muriçoca - Vou já chegar lá. Agora terminando com esse negócio do Lampião. Não teve homem ainda que descobrisse, que eu visse esse livro. Eu tenho procurado muito. Lampião recebeu o último fogo lá na fazenda Piçarra, entre Porteira de Fora e Jardim Macapá, que hoje é Jatí. Como vocês gostam, falamos muito em Lampião, todo

mundo tem esse prazer, tem ganhado muito dinheiro com Lampião. Ele (*o dono da fazenda Piçarra, Antônio Piçarra*) já recebia muito dinheiro de Lampião, dava cobertura a Lampião. Então tinha aquela história determinada que ele vinha, fazia as compras de Lampião, munição, em Juazeiro. Um dia Antônio Piçarra veio a Juazeiro, e combinou com o comandante da companhia, ficaram certos, aí disse: "Eu levo agora, tal dia tal mês ele vem e o senhor prepara a volante pra gente ir". Foi o que aconteceu.

(*Supondo*): eu sou Antônio Piçarra e você (*Alexandre*) é o comandante da companhia. Eu fui me embora e o senhor ficou preparando seu pessoal, tal

Todos os dias, Seu Muriçoca caminha durante vinte minutos de sua casa até chegar ao Theatro José de Alencar. Na volta, geralmente tem uma carona.

tempo determinado eu chego: “Pronto, o homem está em casa.” Eu tenho recebido de Lampião dinheiro. Era muito dinheiro que eu recebia, mas ao invés de eu comprar as coisas, material pra Lampião como era costume, não comprei nada. O senhor já estava com os seus soldados mobilizados, partimos no outro dia e chegamos lá. Quando eu chego lá na casa, na minha casa era uma casa de comboio, de tacanisa, era aquelas casas com tacanisa. Não sei se vocês sabem que se chama tacanisa aquelas casas alpendradas, aquelas casas que têm alpendre de um lado e de outro e tal, né? Eu deixo meus cabras no meio dos matos com chocalho balançando, fingindo de animal. E os soldados também saíram. Quando eu chego tá tudo cercado, eu com os soldados, animal e tudo, cada animal tinha um chocalho e cada soldado também levava um chocalho, fingindo que era animal. E fomos fazendo cerco, fazendo cerco, fazendo cerco esse negócio quatro e meia da tarde pra cinco hora. Eu vou lá, eu sou Antônio Piçarra, vou lá falar com Lampião. Quando chego, me apresento e tal e ele me atende eu digo: “Olha não pode vir nada que entra muita gente tem muito combunheiro e não dá certo.” Você com toda confiança minha muito tempo, né? não ia desconfiar nada, né? Sabendo que da casa era casa de arrancho então... tempo preparou se pra chover. Lá tinha aquelas cercas de pau a pique assim, entrançado, teve um cangaceiro que disse: “ai eu não vou levar chuva aqui não”, veja a coisa, tava cheio de combunheiro e ele lá no acampamento, só ele achou de dizer que não ia levar chuva,

não sabe? Lampião deu aquela ordem, ai ele disse: “Ah, mas eu não vou levar chuva”. Antônio Piçarra que sou eu, vendo aquilo, foi dando aquela desculpa, foi logo tratando de fugir, recuando., né? E servindo tinha muita gente e Lampião saiu. O cangaceiro lá, a coisa quando é pra acontecer, achou de pular a cerca, a cerca era toda cheia de melão essas coisas e tal. Quando ele pulou a cerca, já recebeu foi a rajada que o pessoal tava tudo aqui na retaguarda. A rajada, e eu saio abaixado me acabando, vendo a hora da bala pegar em mim,

“A roupa caqui(...) polaina(...) brilhando mesmo, toda bacana. E a gente saía todo enfezado, o pessoal pensava que a gente era soldado do exército.”

até chegar em casa. O tiroteio começo papapapapapapapapa, até que Lampião foi embora se acabou lá pelo Sergipe, naquele meio de mundo, que mataram ele por lá.

Pois bem, agora eu conto isso porque Antônio Piçarra, o dono da fazenda, me contou, eu trabalhando em Porteira de Fora como sapateiro, numa sapataria de Antônio Bezerra, nós conversando e ele contando todas essa estória e eu vendo tudo aquilo. Agora, por que se eu tivesse um certo conhecimento, que tenho hoje, se eu não soubesse escrever, eu tinha pedido uma pessoa pra ir escrevendo aquilo ali e ele mesmo escrevia pra mim, Antônio Piçarra, viu? Ele gostava muito, ele fumava

cigarro de palha de milho e quase todo dia ia conversar com a gente, sapateiro.

Alexandre - Seu Muriçoca, vamos continuar, né? Agora, como que o senhor conheceu a dona Lindou?

Seu Muriçoca - Agora foi justamente, trabalhando de sapateiro. Passou o ano de 33, entro o ano de 34. Tendo o cunhado dela, que era empregado da estrada, condutor, era destacado em Crato. Esse Zé Ferreira, que é meu primo, namorava com a irmã dela, a Eulina, que era viúva e tal, lá ele engraçou-se dela e ficou namorando. A dona Fransquinha, que morava lá, que é a irmã da Lindou e a gente tinha um violão, um cavaquinho, um negócio e ia bater aquela coisa, não sabe? E naquele tempo não tinha rádio, era serenata. Dia de domingo de noite assim, não tinha o que fazer era cantar aquela serenata e...

Alexandre - O senhor tocava ?

Seu Muriçoca - Não, eu batia uma lata, pra fazer aquela zoada, quem não tem cachorro caça com gato. Então tudo era bom, viu? E na terra de um cego, quem tem olho é rei. Então eu fazia aquilo. Naquela época, em quase todas as calçadas daquelas o pessoal tinha um violão, um cavaquinho, outros estudavam música. Eu comecei a tentar estudar música, mas perdi um dente, dor de dente, eu perdi e não tinha dinheiro pra tratar com um dentista. Perdi e deixei de estudar, né? Mas ainda conheci umas notazinhas.

Alexandre - O senhor tocava o quê? Cavaquinho?

Seu Muriçoca - Bom, eu mexia no cavaquinho, no violão, mas eu gostava mais do cavaquinho. Quando, um belo dia, eu tomei conheci-



Seu Muriçoca já é conhecido entre artistas famosos. Criou laços de amizade com Vera Fisher, Tônia Carreiro, Elizabete Savala e Nathália Thimberg.

Seu Muriçoca, antes da primeira cirurgia de catarata, conseguia dirigir o seu corcel belina, que agora é de seu filho. Já teve um jipe e uma rural.



No dia do casamento, os padrinhos tiveram que pagar a taxa de 10 mil réis exigida pelo padre, porque Seu Muriçoca não tinha nenhum tostão no bolso.

Depois da segunda cirurgia, na qual perdeu a visão do olho esquerdo, Seu Muriçoca abandonou a religião católica, convertendo-se ao espiritismo.

mento que ela vinha fazer uma visita na casa da irmã, ela morando em Quixadá. Dia de domingo naquela época nós sapateiros andávamos tudo de chapéu de palhinha, gravata, o diabo. Tomamos conhecimento e o Zé Ferreira disse: “Hoje vem uma irmã da Eulina”. E a dona Fransquinha contou isso na casa do meu tio, tinha muita amizade, viu? Bem, quando o trem parou, chegou às onze e vinte nós estávamos na estação, na casa do tio Vicente, da estação lá pra essa casa é um quarteirão, o trem parava. O pessoal foi esperar e eu em cima da calçada. Ela veio, eu olhei. “Sabe de uma coisa Ferreira e Xavier, eu vou me casar com aquela menina”. “Qual?” “Aquela acolá” “Vai nada, conversa”. Naquele tempo era que tinha umas brincadeiras sadias, sabe? Hoje é coisa diferente... chegou na casa dela, assim que ela falou, eu também disse... depressa voltou para a irmã, pra irmã me apresentar a futura sogra, viu? Que era o pai do Zé Ferreira, que justamente eram os meus tios. Naquela sala, começou a amizade, coisa e tal... A dona Fransquinha, que a gente tinha uma amizade doida e que era a irmã dela, tomou conhecimento que a gente tava namorando. Ela transformou-se. Tomei conhecimento porque ela não queria que eu namorasse, que a Lindou namorasse comigo, porque eu era negro e a Lindou era alva. E eu disse: “Tem nada não!”. Ficamos namorando, ficamos namorando escondido. E passou o tempo. Um belo dia de domingo vamos tomar banho no Lameiro, lá na cascata de Nelson Alencar (*uma espécie de balneário natural*) que hoje é dos Bezerra acolá. Tomamos umas cacha-

ças por lá. Quando eu venho de volta, passo na (*Praça*) Siqueira Campos, tava a turma toda ali. “Sabe, Cassiano, aquela tua namorada? A tua noiva vai embora, homem, depois de amanhã. Você sabe disso?” “Não”. “Pois vai!”. “E agora?” Lugar pequeno, todo mundo conhece ali, aquela coisa e tal. Hoje o Crato tá grande, mas naquele tempo era uma coisinha... Eu vim e tal, quando cheguei, fiquei na esquina olhando pra casa dela pra ver se ela saía, né? Ou dava uma notícia. Quando um cabra me avistou e foi avisar à ela que eu tava na esquina,

“E a gente saía todo enfezado, o pessoal pensava que a gente era soldado do exército. Polícia era muita coisa, avalie do exército. Hoje é que não vale nada”

quando lá vem ela, chega vinha danada atrás de mim (*risos*). Chegou: “Boa tarde”. Eu disse: “Boa tarde, o que é que há? Parece que vocês vão embora?” “É, o Onofre pediu a transferência... você sabia?” “Sabia não!” Nós conversamos um pedacinho... “E agora?” “É, nós vamos para o Cedro e tal, pronto.” “Você vai para o Cedro, vai que depois eu vou, de quinze em quinze dias eu vou lá e etc.” Ficou por ali, tal e coisa, aqui e acolá olhava pra lá. “Você é quem sabe se quer ir ou não quer!” “Não, é você quem sabe!” Ficou naquele jogo, ela disse: “Se você não quiser que eu vá, eu não vou!” “Então você não vai!” Pronto, ela voltou pra casa e eu fiquei por ali, imaginando como é que eu tinha me metido num

negócio desse, sem nenhum tostão, sem nada? “Como é que eu vou fazer com uma mulher alheia desse jeito e eu ficar com a moça aqui? Só sendo abestado mesmo. Tô maluco. Tem nada não!” Eu fiquei, entrei na casa da minha tia e fui em casa, mas aquilo roendo, aquela coisa... e o juízo fervendo, eu digo: “Tem nada não, amanhã eu vou na casa do Dr. Hermes Paraíba. É só quem pode me salvar.” Dr. Hermes Paraíba era o juiz de Direito, lá naquela época. Juiz de Direito nesses lugares por fora ainda é muita coisa, mas no sertão é um deus, é quem manda tudo.

Cheguei em casa, disse à minha mãe e ela disse: “Você é doido! Como é que você vai fazer isso, eu bem que queria... pensei em mandar você juntar um dinheirinho pra você comprar uma casinha e você disse que não queria casar nunca.” “É, mas agora parece que vai ser isso mesmo.” “Você nem conhece essa moça!” E eu digo: “E ela não me conhece também”. “Mas é mais negócio pra ela do que pra você.” Eu digo: “Eu não sei (*risos*), sei lá...”

Alexandre - *Seu Muriçoca, o senhor já tinha namorado antes?*

Muriçoca - Eu namorava assim, mas era longe, eu não gostava muito não. Namorava, mas não era assim, essa coisa... nós mesmos foi de uma vez assim.

Marta - *O senhor queria conseguir o dinheiro para provar para a família dela que o senhor podia sustentar uma família...?*

Muriçoca - Não, não... eu não tinha medo, trabalhava de sapateiro e sapateiro ganhava pouco naquela época, viu? E naquele dia eu não tinha nada porque eu ganhava pouco, me

meti sem nada. Eu imaginei, vou na casa do seu Hermes Paraíba. Na segunda-feira, sete da manhã. Não era nem sete horas, tava batendo na casa dele e a casa tinha aqueles "portico" que a gente bate assim e abre assim (*gesticulando o modo como a porta abria*)... hoje ninguém usa mais isso, mas sempre usava aquelas... "Bom dia, o que é que o senhor quer?" "Quero falar como o Dr. Hermes Paraíba." "A essa hora?" "Sim, essa hora mesmo!" Ela disse: "Ele tá tomando café!" "Mas diga a ele, por favor." Quando chegou lá, falou com ele. Ela saiu pisando, a casa era de assoalho de madeira...préco, préco, préco, préco (*imitando o barulho dos passos no assoalho*). Vixe Maria, quando vem de volta disse: "Ele disse que o senhor entrasse, que podia entrar." Aí ela abriu a porta, toda mal encarada, parecia que era a dona da casa. Aí eu fiquei em pé e ela entrou, foi lá dentro e ele disse: "Manda o rapaz entrar!"

"O Dr. Hermes disse que entrasse." "Muito obrigado." Ela saiu na frente e eu atrás. De longe assim, tava naquela sala, mesona bem grande... Mesa cheia, bolo, café, banana, manga... tudo, aquela mesa farta toda. Eu fiquei em pé. "Sente-se para tomar o café!" "Não, senhor." "Senta para tomar o café! Olhe, a gente tava danado precisando e depois tem mania de não querer!" Mas eu não quis é porque eu tava com medo, eu já estava tremendo de medo. Tomou café, mandou a moça me servir naquelas xícaras grandes. Eu comi, mas o bicho não queria descer aqui não, viu (*pegando no pescoço*)? Descia porque era o jeito. Terminou, acendeu um charuto desse tamanho (*mostrando com as*

mãos) que parecia aquele charuto daquele inglês da guerra, como era o nome dele? Era...

Alexandre – Churchill.

Muriçoca - Sim! Pois então, acabou disse: "O que o senhor deseja, senhor Cassiano novo?" Aí, eu historiei o caso todinho, viu? Ele finalmente disse: "Me diga uma coisa, e você já buliu com a moça?" Eu: "Não, senhor!" Ave Maria, aquilo foi o mesmo que me dar uma facada (*risos*). Vixe, Maria, agora sim, meu Deus! Ele: "Não, fale a verdade!" "Não, senhor, não, senhor!" "Pois então você diz ao seu pessoal,

"Primeira lista tinha um nome que eu não esqueço nunca por que tenho um sobrinho com esse nome, viu? Era Antônio Alves de Oliveira"

manda o seu cunhado, o seu Francisco Onofre e a dona Fransquinha ir no cartório que eu faço o seu casamento, nem que seja à noite." "Mas ele não pode, o senhor sabe, ele é condutor, tá lá na estação vendo o movimento dos trens, não pode, e a dona Fransquinha sofre de asma não pode sair assim." Aí ele disse: "Quem é que pode mais?" "Ela tem uma irmã, a Eulina, que é viúva e tem também a cunhada, a irmã do seu Chico Onofre que vive em casa." Então ele disse: "Então vai eles dois no cartório!" Eu disse: "Sim, senhor" Ele disse: "Mas você tenha cuidado no cartório, com o Cesário, ele vai tirar o seu couro. Hoje é segunda-feira, tem muito serviço e tal, pessoal de fora. Mas diga a ele que fui

eu que mandei você ir."

Imediatamente fui lá no seu Chico Onofre, eu nunca tinha andado lá, passava na frente. Bati palmas, saiu ele. "Bom dia, seu Chico". Ele: "Bom dia, Zé, entra." "Seu Chico, o que me trouxe aqui foi que eu vim dizer para o senhor, mais a dona Fransquinha, que eu vou casar com a Lindou hoje!" "Como?" "Casando!" "E ela quer?" "Até ontem, sim, senhor! À noite ela me disse que queria, não sei se ela quer hoje. Se quiser também é a mesma coisa." Mas nisso, elas já vinham saindo lá da cozinha e aí a dona Fransquinha botou a cabeça: "Bom dia, Zé" Aí seu Onofre disse: "Ó, Fransquinha, o Zé tá dizendo que vai casar com a Lindou hoje." "E ela quer?" "Lindou, vem cá. O Zé tá dizendo que vai casar com você hoje. Você quer?" "É, se ele quiser? Ele tá dizendo, então vamos casar." "É tão ligeiro assim?" "Ele é quem sabe, ele é quem sabe!" e eu: "E ela também! Tanto faz eu como ela... Vai ser o Dr.

Hermes Paraíba que vai fazer o meu casamento e disse para o senhor e a dona Fransquinha irem no cartório, mas eu disse logo que o senhor não podia ir, que trabalhava lá na estação e tava fazendo mudança e a dona Fransquinha sofria de asma e não podia sair." Então ele perguntou se tinha outro e eu disse que tinha a Eulina, tinha a Tica, ele foi e autorizou para ir os dois, as duas." Ele disse: "Tá certo, pois se ajeite Eulina aí e Tica para irem no cartório." Fomos pro cartório. Só que antes eu subo, vou em casa, avisar em casa, que eram seis quarteirões. Cheguei lá eu disse à minha mãe. "Meu filho, como é que você vai se casar, sem ter dinheiro, sem ter nada?!" "É hoje!"

Imediatamente, desci, fui



Para a reinauguração do Theatro José de Alencar, em 1991, o uniforme de recepcionista de Seu Muriçoca foi assinado pelo estilista Lino Villaventura.

A primeira aliança do casal era de latão, que se oxidou. Mesmo comprando uma de ouro, Seu Muriçoca deixou de usar, pois quase perdeu o dedo, trabalhando.



Ao contrário da maioria dos brasileiros, Seu Muriçoca não gosta de futebol, diz não entender nada das regras. Sua única diversão é mesmo o teatro.

Dona Lindou ainda guarda as alianças de latão junto com a de ouro de Seu Muriçoca. Ela ainda usa a sua aliança, como um sinal de afeto ao marido.

no cartório, cheguei lá disse: “Bom dia, Seu Cesário, eu vim aqui às ordens do Seu Hermes Paraíba para o senhor aprontar os papéis porque eu vou me casar hoje e é ele que vai fazer o meu casamento.” “O Dr. Hermes disse isso?” “Disse. Eu vim da casa dele e agora vim dizer para o senhor!” “Não é possível!” “A ordem que eu tenho aqui é essa. E tá aqui a minha noiva, a irmã dela e essa daqui. Elas vão servir de testemunho porque o casal não pode... e o Seu Hermes tá sabendo de tudo isso”. “Você aborreceu o homem a essa hora?” “Mas ele me atendeu muito bem, ainda tomei café com ele na mesa”. “Pois é, como é seu nome?” Assim, assim e tal, tá, tá, tá... Ele disse: “O senhor apronta os papéis pra ele fazer meu casamento hoje?” “Logo hoje?” Eu disse: “Sim!” E aí ele disse que eu fosse lá na casa dele. Tá certo, ele aprontou ali, mandou as meninas ir embora e eu fui pra casa do Dr. Hermes, cheguei lá e contei a história. Ele disse: “Quanto que ele cobrou?” “Dr. Hermes, ele cobrou 12 mil réis, 10 mil réis era de uma estampilha.” Naquele tempo a gente chamava de estampilha, era um selo (*risos*). Ele disse: “Rapaz, eu nunca vi esse selo de 10 mil réis. Eu já vi de 2 mil réis, mas de 10 mil, não. Vá, volte e diga à ele que devolva os seus 10 mil réis.” Eu disse: “Vixe Maria, sim, senhor!” Aí voltei. Quando cheguei lá eu disse: “Seu Cesário...” Ele disse: “O que é que você quer?” E eu: “O Dr. Hermes disse que o senhor me devolvesse os 10 mil réis, porque ele não conhecia esse selo, essa estampilha de 10 mil que o senhor me cobrou no papel do casamento civil, não.” Ô, que o velho deu um pinote danado.

Naquele tempo tinha umas escrivainhas, acho que você não conhece não (*pegando na mão do Alexandre*), porque não tem nenhuma, faz tempo que eu não vejo uma bicha daquela nem em museu. Enrolava assim, (*gesticulando, como se estivesse mexendo na escrivainha*) abria... Puxou um dinheiro velho, todo remendado e me entregou o dinheiro. Recebi, botei no bolso. E eu tinha dado a ele dinheiro novo.

Cheguei lá fui mostrar ao Dr. Hermes. “Rapaz, ele te deu o dinheiro desse jeito?” “Foi sim, senhor!” “Pois vou

“Aí, o guarda manda ela avançar. Ora avançar sabia lá o que diabo era avançar. Só a gente mesmo era que tinha no quartel esse negócio avança”

mandar você voltar e diga a ele que lhe dê um dinheiro melhor!” “Não, dá pra passar...” Eu passei no cartório e fiquei apertando ele (*Cesário*), apertando ele, apertando ele... doze e meia eu fui lá e “Não tá pronto ainda.” Três horas, quatro horas... quando foi cinco horas, fui lá e ele disse: “Não tá pronto ainda não. Vai, menino, lá no... Vicente Militão (*escrivão do cartório*).” Quando eu cheguei lá, o rapaz disse: “Não, ele já foi pras Guaribas.” Voltei pro Dr. Hermes e disse: “Então, Doutor, ele não aprontou porque o Seu Vicente Militão já foi embora e tal.” Ele disse: “Vixe, Maria! Mas tem nada não, eu faço amanhã... tem com quem essa moça ficar?” “Tem sim, senhor, uma

madrinha dela chama-se Dona Terta e tem um senhor que é maquinista, que se chama Vicente.” Um dia desses eu tava tentando me lembrar o nome desse desgraçado... “Então tá certo... diga lá, que eu faço seu casamento amanhã, na terça-feira e tal.” Três horas da madrugada eu já tava na porta dele (*batendo com a mão na mesa, como se fosse uma porta*), a estação era perto e o trem partia em quatro horas, né? Partia às quatro e meia. Eu já fui de braço com a noiva lá pra estação e voltei. Foi aquela despedida, aquele choro e tal. Pronto, ela foi pra casa da Dona Terta, que também ficava olhando para a estação. Quando foi na terça-feira, às doze horas, o Dr. Hermes Paraíba fez o meu casamento. Dia 11 de setembro de 1934.

Régia - O senhor tem 65 anos de casado, como é estar casado há tanto tempo?

Muriçoca - É vivendo, é vivendo, que hoje é diferente. Hoje você se casa, amanhã você solta a mulher, a mulher solta do homem, pega outro, aquele negócio e tal... e há alguns anos atrás não era assim, a gente se casava com amor, aquele carinho, aquela amizade... hoje troca por outro, troca por outra, aquele chafurdo desgraçado, ninguém sabe de nada. Pois bem, é isso...

Marta - E por quais motivos a família da Dona Lindou passou a aceitar o casamento de vocês?

Muriçoca - Porque... aceitou assim, porque foi à força, né? O Dr. Hermes consentiu meu casamento. E fomos marcar o casamento no católico. Por mim eu já tava casado, mas... só que em dezembro, no natal, minha mãe adoeceu, viu?

Aí quando chega o 11 de fevereiro de 1935 eu me caso na igreja. Aí vai a luta. Fui falar com o bispo, com o padre para fazer o meu casamento no domingo, porque eles só podiam ir no domingo, de noite, para assistir o casamento, a Dona Fransquinha ia mais cedo, porque a mulher ia para casa da Dona Terta, que era comadre dela, e o Seu Onofre, que era condutor, só podia ir à noite e não foi. O padre Assis não aceitou, disse que não ia fazer casamento dia de domingo, que havia um casamento na matriz de Crato e que não ia fazer meu casamento. “Mas padre Assis (*Francisco de Assis Feitosa*)”, eu disse e ele: “Não, faça esse casamento outro dia...” “Outro dia não pode, padre!” Isso eu falando chorando, porque eu fiquei com raiva. Pronto eu fui chorar. Eu vou falar com o padre Antônio Gomes, que era o diretor do Ginásio, ele foi falar com o vigário, mas não teve jeito. Então eu fui falar com o Bispo na segunda-feira, uma hora da tarde mais ou menos, a quentura no mundo. Aí, eu cheguei lá, bati palmas na porta do bispo (*batendo palmas*), o rapaz saiu e eu disse que queria falar com o Bispo e ele disse que tava de repouso e não podia. Eu disse: “Mas eu queria falar com ele, tenho que falar com ele, dê um jeitinho...” Era Dom Francisco de Assis Pires, o Bispo. Esperei, eles saiu, beijei a mão dele e expus a situação assim, assim... contei toda a história.

Ele manda chamar o padre, o cabra saiu no sol quente, pegando o lado da sombra e com um pouco lá vêm os dois. Quando entrou, foi logo beijando a mão do Bispo. Ele disse: “Rapaz, como é... esse rapaz procurando a igreja, você

coloca ele pra fora da igreja! Ele me contou aqui, que implorou, já pediu até pro padre Antônio Gomes pra falar com o senhor... o senhor dizendo que não pode, por que não pode? Tá botando o rapaz pra fora da igreja? O senhor já não sabe que é casado? Pois faça o casamento do jeito que ele quiser. Para quando você quer o seu casamento?” “Para domingo agora”, eu disse. “Pois marque o casamento, que no domingo o senhor vai fazer...” Passa a semana, fica tudo certo, avisa pra todo mundo, quando é que podiam vir aí fui atrás de fazer os

“Eu entrei (...) no dia 3 de setembro de 1930, um dia de segunda-feira, pode pegar o calendário (...) e procurar essa data que encontra”

sequilhos, naquele tempo os bolinhos eram sequilhos, não podia fazer aquelas coisas... aquele cafezinho com aluá de milho e abacaxi e tava feito a coisa. Uma meladinha... vocês sabem o que é meladinha, sabe? Ninguém sabe o que é meladinha? É o mel da abelha na cachaça. A gente bota a cachaça no mel de abelha e água, mistura ali e faz a meladinha e fica aquela coisa boa danada, bebe até não querer mais.

Cáritas - *Seu Muriçoca, só voltando um pouquinho, quanto aos probleminhas que o senhor teve com alguns padres da Igreja Católica, isso colaborou para que o senhor procurasse o espiritismo?*

Muriçoca - Não, não, isso já foi outra coisa.

Cáritas - *O que levou o senhor a procurar o espiritismo?*

Muriçoca - Não, é porque me deu vontade mesmo, sempre tive o pressentimento, com todas as minhas ignorâncias, nunca tive estudo... então o meu caminho foi esse, mas não foi negócio de padre não.

Celestino - *Depois de o senhor ter trabalhado como sapateiro, passou a trabalhar como cobrador da Associação dos merceeiros. Que lembranças o senhor traz dessa época?*

Muriçoca - Quando eu vim embora pra cá, antes, em 1936, eu fui trabalhar em Porteira de Fora, foi quando eu tive conhecimento de Seu Antônio Piçarra, que é falecido da história do Lampião. Eu vim pra cá. No dia que meu filho fez um ano, eu saí de casa, morava numa casinha na rua do Bispo e que o aluguel era 10 mil réis. Meu cunhado viajou e deu 20 mil réis ao menino. O menino tava aniversariando e ele deu 20 mil réis. Esses 20 mil réis eu deixei em casa e a Lindou vai, paga o aluguel da casa que era 10 e ficou com 10. Eu tinha recebido uns 8 mil réis lá na oficina que eu trabalhava e saí de casa com 2 mil réis. Vim gastando e tal. Cheguei aqui com mil e duzentos, gastei oitocentos réis. Cheguei, fui pra casa dele, que ele morava na (*Avenida*) Imperador, 156 e que hoje é aquele colégio... Instituto São José, das irmãs ali. Passei quatorze dias procurando emprego dentro de Fortaleza, não encontrava como sapateiro de jeito nenhum. Onde procurava, batia na porta, tal e coisa... Quando eu dizia que era do Crato sentia logo a frieira. “Vixe, Maria, terra de desordeiro.” “Era não...



Seu Muriçoca é semi-analfabeto. Alguns funcionários do teatro lhe ensinam. A sua última professora foi Ana Maria, funcionária da bilheteria do teatro.

Na pré-entrevista, Dona Lindou ofereceu suco de maracujá. Ela ainda faz os serviços domésticos. Não gosta do trabalho das empregadas domésticas.



Ao contrário de Seu Muriçoca, Dona Lindou já não se lembra muito bem dos acontecimentos. Quando perguntada, ela não conseguiu relembrar quase nada.

Rapaz, tem mais isso não, acabou isso..." Assim que eu morei, conheci (*os bairros*) Mucuripe, Cambirimba, Otávio Bonfim, São Gerardo, Alagadiço, Monte Castelo, Campo da Aviação, Piedade... Vila Zoraide, que ninguém fala mais, Vila Monteiro e a capital quase toda, já pra dentro dos matos. Praia de Iracema, Praia Formosa, hoje não tem mais Praia Formosa, mas antigamente era Praia Formosa, bonita, infelizmente o mar levou, né? Não foi só a Praia de Iracema, que tem aquela musiquinha do Luís Assunção (*compositor já falecido*) que é "Adeus Praia de Iracema que o mar carregou", também levou a Praia Formosa. Só não houve um compositor que escrevesse uma música contando alguma coisa da Praia Formosa. Tem outros compositores que não lembraram disso. Acho que eu vou inventar alguma coisa! (*risos*)

Neda - *Seu Muriçoca, quanto tempo depois que o senhor veio para Fortaleza, veio a Dona Lindou com o seu filho?*

Muriçoca - (*pausa*) Bom, ela pagou o aluguel da casa, meu pai convidou e disse: "Lindou, já que o José foi pra Fortaleza e você pra não ficar nessa casa sozinha, venha pra cá. Ela fez a mudança da casa... só umas coisinhas, a gente não tinha nada. Passou fevereiro, março... mês de março, não fez dois meses não, ela veio embora... aí eu trabalhando, mandava 5 mil réis, ganhava 7 mil, 8 mil réis, aqui na Pedro Pereira, 245, entre a Assunção e a (*rua*) Floriano Peixoto. Quando vocês passarem naquela lojinha 245, vocês vão se lembrar: aqui foi o primeiro lugar que o Muriçoca trabalhou, aqui em

Fortaleza, de sapateiro. O dono da sapataria era o Alfredo Viana, era a Sapataria Vencedora, que hoje era vizinho ao "Leão do Sul", que ainda hoje chamam Leão do Sul, mas a loja era outra. Pois, sim, pois um dia o Seu Chico disse: "Olha, Zé, eu vou trazer a Lindou." "Não, Seu Chico, não traga agora não, que não dá certo." Ele disse: "Não, rapaz, onde comem dois comem três, aí, pronto ela vem pra cá..." Nos viemos morar na 156, ele arranhou uma casa logo na (*rua*) Castro e Silva, 200, e aí ficamos morando lá.

Marta - *Existe diferença*

"Eu me sinto mal quando chego em uma parte que chega uma pessoa falando mal, parece que tá falando de mim. Acredita?"

entre o José Cassiano que vive no Morro do Moinho e o Muriçoca conhecido pelo vida dedicada ao teatro?

Muriçoca - Muriçoca, pouca gente no Morro do Moinho me conhece como Muriçoca, viu? Uma parte me conhece como José Cassiano. Mas muitos mesmos que me conheciam mesmo como José Cassiano ou José Sapateiro, uns não moram mais lá, outros já morreram. Agora, como ela me falou... Como foi que surgiu a cobrança dos Merceeiros?

Celestino - *É, a cobrança dos Merceeiros e perguntou como surgiu o apelido do senhor.*

Muriçoca - É, vai chegar. Quando foi em 1948 eu me associei na Associação dos Merceeiros no dia 30 de junho

de 1938.

Alexandre - *E o senhor era sapateiro?*

Muriçoca - Sapateiro, trabalhei 18 anos. Fiquei pagando os merceeiros, quando foi em 48 eu falei a um cidadão, Francisco de Assis Lima, que era tesoureiro naquela época, e eu fazia conserto lá, pra família e tal. Aí, eu falei pra ele, se não podia me arranjar um empregozinho nos merceeiros, pra trabalhar de cobrador. Ele disse: "Vá lá, que eu vou falar com Abílio". Abílio Vieira de Neves era o presidente naquela época. Eu cheguei lá, me arranjaram as propostas em branco. Ora, eu não sabia ler nem escrever, como também não sei hoje... Mas, como dizia o outro, meti a cara! Chegava na sua casa, perguntava se queria se associar nos merceeiros.

Naquele tempo, todo mundo queria fazer parte dos merceeiros, viu? Ainda assim, não tem o que tem hoje, mas todo mundo queria se associar. Tinha casa que o sujeito fazia 5, 6 pessoas sócios. Então, tem os médicos, que eram poucos médicos, essas coisas. E lá sempre tinha os médicos, e eles gostavam que o pessoal procurava eles. Aí, eu fiquei de cinco às 12 (*horas*). Então, ali, se ela pedisse pra preencher sua proposta, se preenchia sua proposta, se preenchia seus dados direitinho, como era e tal. E eu assinava meu nome só ferrenho (*semelhante*) assim, chegava lá, levava ou, se eu ia para o médico, o médico atestava e depois passava na primeira sessão, que tinha duas sessões por mês, que ainda hoje tem. A segunda 3ª. feira do mês e a última. Daí, o sujeito fazia aquela proposta, eu ia deixar, recebia dinheiro, ganhava minha comissão de

Os maiores acontecimentos da vida de Seu Muriçoca aconteceram num dia de domingo: o encontro com Dona Lindou, o casamento e as cirurgias.

10% etc e tal, e o sujeito ia fazendo. Eu comecei a riscar, fazendo o recibo, tirando errado ali, chegava, dava o talão, você preenchia, assinava e pagava. E assim, eu fui aprendendo alguma coisa, fui aprendendo, aprendendo, aprendendo...

Quando chegou, em junho de 1961, eu ia fazer uma cobrança dos merceeiros no Mercado São Sebastião, junto com um colega meu. Esse rapaz, esse velho, já é velho hoje, pai de médico etc e tal. Luis Alves Simões, eu perguntei: "Luizinho, pra onde é que tu vai?". Ele disse: "Compadre Zé, eu vou pra um ensaio de uma peça". "Que peça é essa?". "Negócio de teatro, peça de teatro". Eu digo: "Vixe, rapaz, o que é isso?". Ele contou. Eu digo: "E aonde é?". "Aqui na (rua) Pedro Pereira, entre Pedro Pereira e (rua) Pedro I". E eu digo: "E será que a gente pode assistir?". "Eu não sei seu compadre Zé. Se for lá na casa do diretor, a gente assiste. Ele tem é gosto! Ele, dia de domingo, feriado, ele faz um baião de dois, tem uma cachaça, tem um refresco, tem um negócio e tem cigarro, ele acha é bom. É um dia de festa! Mas, aí, como é na casa da atriz, eu não sei". E eu digo: "Que diabo é atriz, rapaz?". "O senhor não vai ao cinema? Não vê aquelas moças, aquelas artistas, são as atrizes". "Tá certo".

Quando chegamos lá e tal, tinha uma porção de gente já esperando na calçada e, citando nomes era: Genô e Zé Sobral e... como é o nome do outro? Depois eu digo. E lá vem o diretor, que era Domingos Gusmão de Lima, que era jornalista, trabalhava no jornal O Povo. Me apresentou. Ele olhou assim: "Já veio todo

mundo?" "Já". "Então, tá na hora de ensaiar". Vamos ensaiar. Foi entrando assim, naquele tempo tinha aquele jardinzinho, aquele girassol, aquelas coisinhas, aqueles boanoitezinhas, eram as plantas que tinham nos jardins das casas. Eu fui entrando, passamos de uma sala pra outra, corredor, sala de jantar... O piso daquela época eram uns pisos daqueles tijolo, já vinha estragado, tinha uma cadeira num seguinte sentido assim (*fazendo o gesto*), com uma perna dentro de um buraco. E eu sentado aqui. Eu fui e disse... a salinha muito

“Vou morar mais Lampião’ Aí foi que ela quase morre (...) E vou matar Josel, que ele nunca mais faça isso com as meninas”

mais pequena do que essa aqui, uma coisinha de nada. Eu disse: "Minha gente, ajeite aí essa cadeira, porque se não, uma pessoa vai tropeçar e vai fazer uma arte". Dona Estelita, que era esposa do Domingos, disse de dentro da cozinha: "Parece uma muriçoca! Em todo canto se mete!". O Domingos respondeu: "O que é isso, Estelita? A gente não brinca com quem a gente não conhece". Ela disse: "Olhe, o que é que é isso?". Eu digo: "Não, eu sou da brincadeira!". Ele disse: "Não, mas ninguém brinca!". Aquela coisa. Ficou todo mundo olhando pra mim, etc e tal. Eu fiquei com vergonha daquele pessoal, o pessoal olhando pra mim, e ele passar aquela repreensão na mulher, com aquele toco de

cena assim.

Naquele tempo, eu não sabia o que era cena. Eu tô falando agora, porque é engraçado esse negócio, aprendi. Pelo menos aprendi isso, né? Mas não sabia. Fiquei doido pra sair dali... Comigo mesmo, eu dizia assim: "Que é que diabo eu vim ver aqui, rapaz? Em vez de tá no meu serviço?". Mas tinha duas senhoras na porta, gordas, porta estreita. "Quando terminar, eu vou saindo daqui devagar, de fininho". Começaram a ensaiar, terminaram o primeiro ato. "Vamos tomar café, fumar um cigarro!". No fim, eu tomei foi uma cana pra ver se a coisa melhorava. Terminou todo mundo, terminaram, e já tavam no segundo ato. Mas a mulher não saía da porta de jeito nenhum. A coisa quando é pra acontecer, viu? Quando é, não tem esse negócio não. E eu fiquei ali. E começaram o segundo ato e tal, mexeram assim, trocaram de mesa, trocaram de copo, trocaram de tudo. Acho que foi por isso que eu aprendi a fazer essas coisas em teatro. Aprendi foi nesse dia, comecei a fazer nesse dia, viu? Eu digo: "Agora, agora sim!". Tinha uma mesa que tava com uma perna nesse outro lado. "Se tropeçar, agora vai quebrar mesa, jarro e tudo. Vira mesa, jarro e quebra tudo e tudinho". Foi o tiro, viu? O pessoal acha graça! Isso é palavra de teatro "foi o tiro!" e tal, é isso. Então, foi que eu peguei o nome de Muriçoca, que me deu muita sorte, e me sinto muito feliz com esse nome de Muriçoca!

Marta - *Seu Muriçoca, o senhor exerceu várias profissões, em qual delas o senhor acredita que foi ou é mais útil à sociedade?*

Muriçoca - Trabalhei no



Seu Muriçoca sempre faz gestos para ilustrar as várias situações de sua vida. Levanta, grita, imita ações e vozes. Para ele, a vida é um espetáculo.

Dona Lindou e Seu Muriçoca tiveram três filhos, dos quais dois morreram. O único filho vivo tem hoje 62 anos e mora com eles.



Quando seu primeiro filho completou um ano, Seu Muriçoca saiu do Crato para morar em Fortaleza, para trabalhar como sapateiro, deixando a esposa e o filho.

campo, em toda parte etc e tal, fui... Sim! Faltou até eu contar uma história, em Boa Viagem, que eu fui vaqueiro, fui vaqueiro não, fui pegador de... peguei boi. Só que depois eu vou chegar nesse negócio, num sabe? Então, sinceramente, com toda sinceridade, é o teatro.

Marta - Por quê?

Muriçoca - Porque eu não sei. Porque isso é do meu eu, aquela coisa... Olhe, trabalhei de sapateiro, trabalhei nos merceiros, como ainda hoje eu cobro dos merceiros, ainda hoje eu cobro, tenho recibo dos merceiros ali guardado, ainda. Mas, aquilo que eu gosto, que eu não sei, é de dentro mesmo, é do sangue, é o teatro.

Neda - Quando foi que o senhor começou a trabalhar aqui no Teatro José de Alencar?

Muriçoca - Foi no grupo do Gusmão, que era o TAG que existia, que era o teatro dos gráficos, que tinha o nome de TAG, viu? Era o "TAG de Fortaleza!". Então, dali desse dia, da casa do Gusmão, desse ensaio na casa dele, que ele me convidou. No dia seguinte, eu fui pra casa dele. Foi justamente onde houve a continuação do batismo no teatro de Muriçoca, né? Ensaio da Pedro Pereira. Fiquei. Ele me convidou pra ir pra casa dele. Na casa dele, eu fiquei. Ele disse: "Não, vamos ensaiar é no teatro, vou falar com Afonso", que era o diretor do teatro, "pra ele ceder pra gente ensaiar num dia de sábado e domingo no foyer", sabe? Eu acompanhei isso. Perguntou: "Você pode Muriçoca?". "Posso". Ele já foi logo me chamando de Muriçoca. Digo: "Posso".

Nesse dia, eu cheguei foi cedo. Doze horas eu já tava aí, esperando que ele viesse, viu?

Foi chegando um, chegando outro,... Um senhor, que era o seu Cláudio, que era quem tomava conta dos camarotes, durante o espetáculo, pegou a chave pra abrir. Nós subimos, fechado, ficamos. E a peça era uma tragédia - "Aconteceu Naquela Noite" era o nome da peça. Agora, eu não estou sabendo quem foi o autor dessa peça, que eu já perguntei a umas pessoas e não souberam me dizer. E no tempo do Gusmão eu não tinha aquele conhecimento, aquela coisa de perguntar e já venho procurando, não sei. Mas ainda vou descobrir quem é o autor dessa

“Não nasci pra ser criminoso. Ela chorando (...) Não fui mais nada no mundo, não tive mais nem coragem de falar mais. Comecei foi chorar.”

peça "Aconteceu Naquela Noite". É uma tragédia, foi a peça que eu participei, comecei a fazer contra - regra desde..., quando começou a virar a mesa. E, eu entrei no teatro foi aí.

Alexandre - E o senhor quando recebeu o apelido de Muriçoca, incomodava no começo?

Muriçoca - Não! Não! Não! Não me incomodou, não! Naquela hora, eu senti aquele impacto, aquela coisa, dele repreender ali a mulher, e por causa da minha causa. Por minha causa, ter ficado ali... Mas, pronto! Eu acostumei. É tanto que quando alguém me chama: "Seu Mosquito!", "Carapanã!", "Formiga!", eu tô atendendo, viu? (risos)

Alexandre - Mas todo

mundo começou a chamar logo? Pegou mesmo?

Muriçoca - Foi, foi. Pegou, meu filho, pegou com fé e esperança!

Régia - O senhor acha que merece esse apelido de Muriçoca? O senhor é metido mesmo?

Muriçoca - Não, não sei, eu gosto, eu gosto. É tanto que eu, se pudesse, todo mundo só me chamava de Muriçoca.

Alexandre - O senhor trabalhou quantos anos como contra - regra?

Muriçoca - Até antes da reforma do teatro em 89. O teatro fechou, eu deixei, quando veio a reforma. Em 26 de novembro de 91. Aí, eu passei pra aquele lugar ali, né?

Alexandre - O senhor ficou muito tempo trabalhando de graça, né?

Muriçoca - Oito anos. Passei oito anos nesse teatro. Comecei em março de 65 e vim receber dinheiro em abril de 73. Agora, você chegava, um grupo, um colégio, uma escola e vinha e pedia a pauta do teatro. A direção arranjava e eu tomava conta do seu material, do cenário. Ajudava você a fazer um cenário, arranjar um penico, arranjar umas cascas de bala, um negócio... Sei não, pelo menos eram essas as cenas, umas coisinhas pobres, né? Então, os cenários eram tudo de papel, jornal, essas coisas.

Caroline - Seu Muriçoca, por que o senhor continuou trabalhando durante oito anos sem ganhar nada? Logo no primeiro ano, o senhor não pensou em desistir?

Muriçoca - Nenhuma vez. O pessoal reclamava. Eu tive foi briga com a Lindou lá em casa. Tive uma briga danada, que eu tava acabando tudo quanto tinha, gastando no

Ao final da entrevista, as sessões de fotos foram assistidas pelo professor e pelos alunos Pedro e Celestino, na entrada do Teatro.

teatro, que a gente tinha, sem ter nada... E eu dizia assim, como nós estamos na conversa mesmo, eu vou dizer: "Diabo, eu não vou a futebol, eu não vou ao cinema, eu não vou ao curral, eu não vou ao curral das éguas (referindo-se a uma zona de prostituição que havia em Fortaleza, muito popular até a década de 70), a minha diversão é o teatro, portanto eu gosto do teatro e acabou-se! Você tá passando fome?" "Não, mas tá acabando tudo quanto o que tem". "Nós criamos e pronto!"

Celestino - *Seu Muriçoca, é verdade que quando o senhor era contra - regra, chegou a comprar um modess para o Chico Anísio?*

Muriçoca - Ah! Isso aí foi verdade! Tem muitas coisas em teatro, rapaz, que é um negócio sério. Chico Anísio deu um show aqui, que foi o último show que ele deu aqui em Fortaleza e não deu mais. Depois que enricou nunca mais pisou..., quer dizer, em Fortaleza não. Aqui no Theatro José de Alencar.

Alexandre - *O senhor lembra quando foi isso? Que ano?*

Muriçoca - Não, não me lembro não. Não me lembro quando foi o ano, não, porque eu não prestava atenção nisso.

Alexandre - *Mas foi antes da reforma?*

Muriçoca - Foi no teatro velho, foi antes da reforma de 74. 74 quem reformou o teatro foi o governo César Cals de Oliveira. Foi antes disso. Então, como você fez a pergunta eu vou... Chico Anísio veio fazer um show aqui. E naquela época tinha pouca casa de espetáculos aqui em Fortaleza. Casa cheia. O Hélder Ramos, que era o maquinista, e eu fazendo contra - regra das peças, de todas as

pessoas que vinham, nesse tempo eu... Daí eu tomei, depois que eu entrei no teatro, eu fiquei fazendo esses contra - regra de todo esse povo, viu? Ele disse "vixe, tá faltando papel pra tirar a maquiagem e tal" O Hélder disse "Tem o Muriçoca. Muriçoca, vem cá! Comprar papel para o Chico" Me deu o dinheiro, riscou no papel, Ora, isso eu voava, quando o sujeito mandava. Qualquer pessoa que fosse ao teatro e mandasse eu fazer um mandado, eu voava na carreira. Pra mim era um prazer maior do mundo. Cheguei lá na farmácia, peguei o papel, mostrei "Tem esse

"E naquele tempo não tinha rádio, era serenata.. Não tinha o que fazer era cantar aquela serenata. Naquele tempo tinha umas brincadeiras sa-dias."

aqui?" "Tem" O rapaz recebeu, foi embolar. Lá na embalagem, a moça troca o pacote. Em vez de me dar o pacote do papel, que eu comprei, me deu um pacote de modess. Eu peguei aquilo, levei todo cheio de vida, bom... "E tá em cima da hora, o espetáculo tá em cima da hora...!" Quando o Hélder recebe, que entrega pro Chico, que o Chico abre, olhou assim e disse "Olha, Hélder! Mas, Muriçoca! Logo pra mim?" "O quê?" "Uma caixa de modess pra mim, Muriçoca?" Eu digo assim "Ah! Que eu vou trocar depressa, que me enganaram!" Eu saí de novo na carreira, cheguei lá, avisei "Olha o que vocês me mandaram?" Aí o rapaz me pediu desculpa, me entregaram

o pacote de papel e eu trouxe, mas aconteceu isso...

Marta - *O senhor gostaria de exercer ainda um outro cargo aqui no teatro?*

Muriçoca - Quando eu deixei esse posto que eu venho assumindo, quando escolheram pra mim, eu passei oito dias pra dar o "sim", pra aceitar. Porque eu queria era o meu posto que vinha sendo contra - regra. Porque contra - regra, o sujeito sabe que ali a gente sabe quando a pessoa... Na caixa do teatro, ninguém sabe ali, naquele momento, quem é homem, nem é mulher, nem coisa nenhuma. Tudo é uma coisa só. Pra mim, é isso aqui, viu? Tanto faz ser mulher, tanto faz tá pelado, como vestido é isso aqui. Pra mim. Como exerci esse tempo todinho. Não sei os outros. Mas, sempre é assim. Agora, eu senti muito. Passei oito dias pra dar o "sim", que ia sair daquilo ali...

Alexandre - *Como porteiro?*

Muriçoca - Sim. Ia deixar meu posto, logo que eu já tava conhecendo todo mundo, acostumado com todo mundo... Todo mundo chegava ali, eu sabia tudo... "Muriçoca, me dá uma calcinha ali! Me dá minha calcinha!" "Muriçoca me dá aquilo ali e tal, aquele negócio!" "Pois não!" "Muriçoca, vamos no banheiro, quando tiver na hora, me chama! Quando tiver na hora tu me avisa!" "Alô, Muriçoca, eu tô com uma dor de cólica, o que é que eu faço?" "Toma um remédio!". Essas coisas na brincadeira, num sabe? Então, todo mundo levava na brincadeira, esse negócio todo... então, eu senti muito.

Caroline - *Seu Muriçoca, o que é que o senhor ficou fazendo, nesse período que o teatro fechou?*



Enquanto Alexandre fotografava Seu Muriçoca, os três puxavam conversa para descontraí-lo: falavam de artistas e de eventos ocorridos no Theatro.

Algumas pessoas, quando souberam da entrevista de Seu Muriçoca, manifestaram interesse em reservar logo um exemplar da revista.



Restaurante Dona Zena: o endereço para onde seguiram Ronaldo, Celestino e Alexandre após o final da entrevista.

Muriçoca - Fomos todos nós pra Secretaria de Cultura, viu? Todos os funcionários. Agora, eu foi que fui no mês... Fechou em janeiro, e eu só fui no mês de agosto, quando eu recebi o despacho pra sair daqui, pra ir pra Cultura, porque não precisava... Porque os engenheiros, teve uma parte dos engenheiros que exigiram a minha presença aqui no teatro, viu? Porque eu era de uns que tinham um pouco de conhecimento... Não sei o que foi que eles acharam em mim, viu? Eu tinha participado também da reforma de 74 e tinha mais ou menos um pouco de conhecimento, que iria servir pra eles. servir pra eles. Quando, em agosto, foi que eu recebi, fui liberado pra ir pra Cultura. Só voltei pra reinauguração.

Alexandre - *Seu Muriçoca, o senhor é aposentado?*

Muriçoca - Felizmente (em verdade, ele quer dizer *infelizmente*), sou premiado com esse negócio, que é a palavra que eu tenho mais nojo é de aposentadoria, porque o sujeito aposentado é sucata, eu considero como sucata, como refugo tudo isso. Eu só estou tendo esse prestígio aqui ainda, de tendo o prazer e essa honra de estar aqui com vocês, vocês me dando essa felicidade, eu estar convivendo num ambiente sadio com vocês, e outros e outros que têm passado por aqui, por ordem superior... (faz uma pausa e se emociona ao falar. Fica com a voz trêmula) Esses meus chefes, que no ano passado me concederam eu ficar aqui no teatro. Porque o aposentado não pode ficar na repartição etc e tal... Avalie esse sujeito, um menino novo nessa idade como eu! Além disso, posso dizer, analfabeto, que não conheço nada, né? Ficar e

permanecer aqui na repartição todo tempo... Uma pessoa com 85 anos, né? Não conheço uma pessoa na repartição com 85 anos. Mas, com uma ordem superior....

Alexandre - *Então, o senhor não recebe como aposentado, recebe como...*

Muriçoca - Não.

Alexandre - *Funcionário?*

Muriçoca - Não. Pela minha aposentadoria, arranjaram um DAS 6 (nomenclatura para uma função gratificada ou um cargo comissionado, no serviço público) pra mim, que o número é bem alto, mas o dinheiro é bem pouquinho,

“(...) pouca gente no Morro do Moinho me conhece como Muriçoca, viu? (...) Mas muitos me conheciam mesmo como José Cassiano ou José Sapateiro”.

mas pra mim se torna grande. Bom, passou um tempo etc e tal e tal, lá vem um corte, lá derrubaram o DAS 6, lá me jogaram na lei trabalhista. Arranjaram, tô aqui! Então, mederam esse negócio, tô meio parando, né? Não sei quando me jogarem, quando não me quiserem mais, né? Por isso é que eu tenho raiva do aposentado. Porque o aposentado não tem esse direito de viver. Olhe como me tratam aqui nessa casa, né? E tenho a honra, graças a Deus, que todo mundo que chega por aí diz: “Seu patrimônio!” “Patrimônio do José de Alencar!” “Seu patrimônio histórico!” E eu me sinto feliz, e é por isso que eu acho que eles vão me deixando aqui...

Marta - *Seu Muriçoca, o senhor acha que a sua vida daria uma peça de teatro de que tipo: uma aventura, um drama ou uma comédia?*

Muriçoca - Vixe, aí eu não sei explicar, viu? Porque é tanta coisa aí que tem que contar, né?

Marta - *Mas o senhor acha que daria um bom espetáculo?*

Muriçoca - Nem sei... Pode ser, viu? Sei não. É uma coisa que eu não posso dizer não, viu?

Celestino - *Seu Muriçoca, aqui no teatro, o senhor já deve ter visto muitas companhias passarem. É difícil para o senhor criar um laço de amizade com essas pessoas e elas passarem e irem embora, depois?*

Muriçoca - É, eu venho criando sempre, viu? Isso, o sujeito sempre vem criando. Ainda ontem mesmo, chegou umas pessoas, sempre chegam, pessoas que vão embora, criam aquela amizade, voltam novamente, quando chegam é aquele mesmo carinho... Até mais ainda, num sabe? Que chegam, me encontram aqui trabalhando etc, tal. Outros chegam, me apresentam... Meninas que entraram pequenininhas, eu ficava pastorando, brigando com elas... Nunca tive conhecimento que elas dissessem aos pais que não queriam ficar comigo, que eu era muito aborrecido, que brigava com elas e tal. Nunca tive esse conhecimento. Sempre recebi foi aquele amor, aquele carinho, viu? E daquela confiança dos pais, e daquelas crianças, que hoje, elas chegam me apresentando as filhas. Ontem, numa estréia que houve ontem, uma menina: “Olhe, minha filha, eu fui bailarina aqui, comecei a estudar, me

No cardápio, panelada regada à cerveja. A noite prometia ser animada. De repente, faltou energia elétrica, e a turma teve de comer panelada à luz de velas.

formei, fui bailarina, deixei... E já tenho essas meninas, já tô casada há dez anos, olhe aqui, minha filha, seu Muriçoca e tal! Dê um abraço nele, dê um beijo nele” e aquele carinho, viu? Que eu recebo. Aquele pessoal antigo, artistas, quando chegam, é com aquela mesma lembrança, recomendam você. Vá lá no teatro, fale com o Muriçoca, veja se o Muriçoca ainda tá por lá... São essas coisas que é a minha riqueza que eu consegui receber aqui no teatro, que eu julgo que não tem riqueza maior do que essa pra mim.

Caroline - *Seu Muriçoca, o senhor definiu que pro senhor o teatro era uma ilusão, por quê? O senhor pode explicar?*

Muriçoca - É porque o teatro sempre mostra... Nós estamos aqui, prepara um cenário bonito que é uma coisa mais linda do mundo, né? Imediatamente, quando termina aquilo ali, desmancha tudo “vupo, vupo, vupo...”. Acaba-se tudo, aquilo desapareceu. Eu entendo que a ilusão é isso, viu? Se prepara, faz tudo, a coisa mais linda do mundo...! Terminou aquilo ali, acabou-se. Se torna muito bonito com o efeito de luz. O papel, o cenário ainda fica acolá. Mas, aquela luz, como é que pode fazer aquela luz novamente? Porque ela não volta, ela desapareceu. Pra você fazer aquela luz novamente, tem é zé...

Eulalia - *Seu Muriçoca, o senhor trabalhou como ator também, não foi? Como foi a experiência do senhor no cinema?*

Muriçoca - Bom, ah, sim! No cinema... A primeira vez que eu me meti num negócio assim foi lá em Quixeramobim, na fazenda Recreio, da Rachel de Queiroz (*escritora*

cearense), com Vera Fisher (*atriz da Rede Globo*). Tive a felicidade de fazer uma pontinha, aquela coisinha de nada lá, mas só em ser com a Vera Fisher já era muita coisa, né? Coisa que eu nunca pensei de ser, né? Aliás...

Alexandre - *Qual foi o nome do filme?*

Muriçoca - Dora Doralina. Tivemos lá, fizemos uma parte aqui e fizemos um laço de amizade. Ela com o esposo dela, era o esposo dela, o ex-marido... Perry Sales (*ator*). Até um dia que eles estiveram aqui no teatro. Haroldo Serra (*ator e dramaturgo cearense*)

“Não sabia ler, nem escrever, como também não sei hoje. Aí, (...) metia a cara. Chegava na sua casa, perguntava se queria se associar nos merceeiros”.

naquela época era o diretor do teatro. Eu fazendo o contra-regra e, na hora, o teatro tava lotado. Eles fizeram uma homenagem a mim e me deram um envelope. Oitenta cruzeiros dentro do envelope, naquela época, né? Era muito dinheiro. Então, fizeram um apelo ao Haroldo que olhasse pra mim, fizesse mesmo melhorar minha situação... É difícil... Fizeram aquele elogio, não adianta nem eu dizer e tal e tal. O teatro tava lotado, bateram palma... Chega estrondou... Me apresentaram e me abraçaram... Então, com aquilo ali eu fiquei muito feliz, que ainda hoje eu me sinto muito feliz. Pra mim está aqui dentro do meu coração, tá vivendo, pra mim quando eu falo assim tô naquela hora.

Celestino - *Seu Muriçoca, o senhor disse que tinha uma admiração pelo lampião. O senhor participou de dois filmes relacionados a cangaceiros: “O Cangaceiro Trapalhão” e “O Cangaceiro Mafioso”.*

Muriçoca - Foi.

Celestino - *O que o senhor achou dessas participações? Você gostou dos filmes?*

Muriçoca - Bom, pra mim, eu tinha que gostar, porque só em eu ter o merecimento de ser convidado... Um dos diretores do filme, viu? Ele me convidou, me achou, eu tava ali no jardim e, não sei por que, ele achou.

Falou com a dona Hiramisa (*Serra, atriz cearense*), aí dona Hiramisa me chamou e disse: “Muriçoca, o menino quer falar com você, pra você participar do filme, assim, assim, assim”. Aquilo ali já foi muito bom pra mim, porque eu já me senti com aquela... me senti tão alegre! Não sei se eu tava varrendo o jardim, por ali... Recebi aquele convite, pronto. Dona Hiramisa

Serra é que tava organizando todo o pessoal. Viajamos o primeiro dia, no ônibus. O segundo dia já ela não viajou, já me entregou o ônibus e eu fiquei mobilizando aquele pessoal dali, pra gente entrar pra Quixadá lá por Juatama (*distrito do município*), né? Porque o filme foi filmado lá, uma parte. Então, eu fiquei encarregado daquele pessoal, viajamos doze dias pra lá. Então, lá, eu participei desse filme, entrava numa hora lá que houve um tiroteio e eu sentado numa cadeira. Primeiramente ele mandou fazer um teste, um ensaio, filmar. Tive a felicidade que só foi feito um ensaio, porque, às vezes, a gente vai filmar assim, tem sempre muita repetição “Volta, volta e tal” e aquela



Mesmo assim, a cerveja e a panelada rolaram graciosas, numa noite em que o assunto menos tocado foi a entrevista.

O trabalho de fechamento desta entrevista foi feito no dia 04 de janeiro, na casa do aluno Victor.



Ronaldo e Victor se revezaram na elaboração de algumas notas e ajustes de alguns detalhes gráfico e editoriais.

cena, uma cena tão pesada, que muita gente, esse pessoal fazia aquela peça, Daniel, Daniel...

Neda - *Daniel Filho.*

Muriçoca - Certo, certo. Isso aí! Ele disse: "E Muriçoca faz, não faz?". Cheguei lá e fiquei sentado na cadeira. E tocaram fogo no negócio, era casa velha caindo os pedaços, mesmo por cima de mim, cadeira e tudo e aí eu não batia nem a pestana. Só foi só essa vez. Não houve repetição nem nada. Aí, pra mim foi muita coisa. Porque o sujeito tá aqui, balançando na cadeira, e, no fim, de uma hora pra outra, chegar um negócio "bá", caindo pedaço de terra, casa velha por cima de você, e diabo e tudo e você ficar do mesmo jeito, não se assustar de jeito nenhum... Eu fiz a cena só uma vez, não teve repetição nem nada. Onde outras coisas tão simples, bem ali, eu tô repetindo dez, vinte vezes. E naquele tempo ligeiro. Eu fiz um. Foi aquela, que eu troco o nome, não tô bem consciente do filme, se é "O Cangaceiro Mafioso" ou se é...

Neda - *"O Cangaceiro Trapalhão"?*

Muriçoca - Os Trapalhões é o do Didi, né?

Eulalia - *É, é o Cangaceiro Mafioso, sim.*

Muriçoca - É Mafioso, mesmo?

Eulalia - *É, Mafioso.*

Alexandre - *Do Rosemberg Cariry.*

Muriçoca - É, porque, às vezes, parecia ser mafioso ou algum outro nome. Mas é mafioso mesmo. Pois bem, os meninos botaram lá pra fazer um ensaio. Disseram que era um violonista, tocando violino no funerário (*ele quer dizer velório*) do defunto lá, do rapaz

que foi morto no tiroteio, né? Pra mim foi uma beleza! E quando esse filme foi encenado no São Luis (*cine*), o cinema cheio, cheio, tinindo. Todo mundo saiu dali e tal, todo mundo batia palma. E quando eu saí com o violino, pronto... Parecia que ia arrebentar! Arrebentar o cinema, né? Quer dizer, ali, tudo isso é minha riqueza, né?

Marta - *Nesses anos todos de teatro, o que é que mais emociona o senhor? Os espetáculos que o senhor vê aqui ou o reconhecimento das pessoas ao seu trabalho?*

Muriçoca - O que mais

“Onde é que tu vai?” .
 ‘Compadre Zé, eu vou para o ensaio de uma peça’ . ‘Que peça é essa?’ ‘(...) peça de teatro’ . ‘Vixe, rapaz, o que é isso?’”

emociona?

Marta - *É.*

Muriçoca - Rapaz, os espetáculos que hoje estão saindo, não dá mais pra que a gente fique emocionado... Quer dizer, eu. Não sei os outros. O espetáculo que mais me emocionou foi na semana santa, "O Gólgata" (*o nome correto é "O Mártir do Gólgota"*), meu primeiro, antes de eu vim trabalhar no teatro, quando eu vim assistir espetáculo a primeira vez aqui no teatro, que eu vim do interior. Naquele tempo eles encenavam uma peça era cinco dias, né? Era... Não! Cinco dias, não! Oito dias. Era dum domingo ao outro domingo. A primeira vez que eu vim

assistir, fiquei no meio da platéia, ali no lado direito da praça. E corre e aquele negócio e tal, e aquilo eu achava que era uma coisa... Aquelas cenas, aquelas coisas, e Maltus açoitando Nosso Senhor, chamava Nosso Senhor, né? Ou Jesus mesmo. Aquela pilha de situações, quando a chibata batia lá, eu chegava e encolhia, pensava que era em mim, não sabe? E quando Lougu chegou com uma lança e pegou o peito esquerdo, é esquerdo? É esquerdo. Ele chega e tal e o sujeito chegou com uma lança, e o outro ali com uma lança, e que botou em cima do peito e ele empurrou a lança, que o sangue desceu... Eu chorei pra me acabar ali na platéia... Pensando que aquilo era verdade, viu? A realidade. Portanto, foi aquilo que mais me emocionou no teatro até hoje.

Neda - *Seu Muriçoca, pra terminar, o senhor já está com 85 anos, tem 35 anos de teatro e é casado há 65. O senhor se sente uma pessoa realizada?*

Muriçoca - Não... ainda tá faltando alguma coisa ainda, viu?

Caroline - *O que é que falta?*

Muriçoca - O que falta? (*pausa*) É eu compreender bem que... da vida futura. É o que me falta realizar, viu? Assim uma coisa mais séria, viu? Eu peço sempre pra ter o conhecimento da vida futura.

Caroline - *Seu Muriçoca, a gente queria agradecer a entrevista.*

Neda - *Ter passado essas três horas com a gente.*

Muriçoca - Já é três horas, já? É mesmo? Pra mim começou agsora, rapaz! (*risos*)